

A era do fragmento

Presente desde a antiguidade,
a ideia de fragmentação foi
amplamente utilizada por
escritores e hoje é um conceito
que define nosso tempo



EDITORIAL

A fragmentação, para alguns, define o século XXI. Há quem diga que o ser humano, e a maneira de ler narrativas, se fragmentou — e o exemplo maior disso é a leitura de conteúdos nas redes sociais. No Facebook, o sujeito pula de um link para outro, conferindo as mais variadas informações, aleatoriamente, em poucos minutos.

A edição 45 do **Cândido** trata, justamente, da fragmentação, mas com foco na literatura. De acordo a professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Dirce Waltrick do Amaranthe, a poesia clássica antiga e os textos pré-socráticos já eram fragmentados. Aurora Bernardini, professora da Universidade de São Paulo (USP), acrescenta que a fragmentação sempre existiu — “desde os rabiscos primitivos de nossos ancestrais”.

Não há um consenso a respeito do que é a fragmentação e, a partir de vários pontos de vista, é possível ter a acesso a diversas opiniões que, individual e coletivamente, definem — na primeira reportagem — o que pode ser o fragmento na literatura.

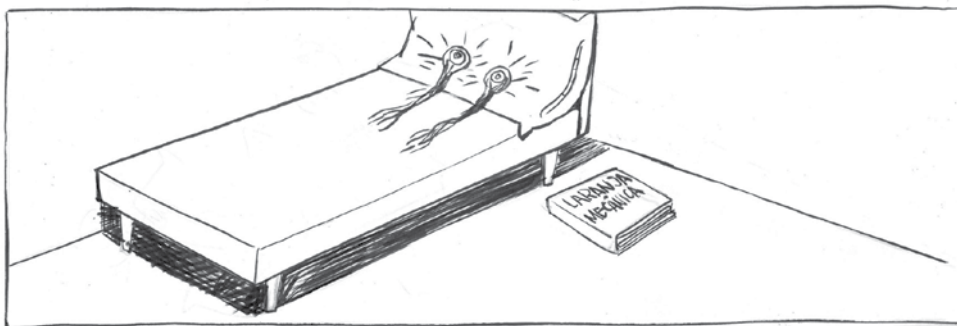
Cândido entrevistou Jair Ferreira dos Santos, de 68 anos, paranaense de Cornélio Procopio radicado no Rio de Janeiro desde a década de 1970, para aprofundar o debate. Autor, entre outros de *O que é pós-moderno*, lançado pela editora Brasiliense em 1985, com mais de 200 mil exemplares vendidos, o escritor comenta a fragmentação e os seus desdobramentos estéticos, filosóficos e sociológicos.

O especial conta ainda com a indicação de 10 livros para o leitor conferir como a fragmentação aparece na literatura, além de inéditos — fragmentados — de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, Joca Terron e Manoel Carlos Karam.

Uma entrevista com Antonio Carlos Viana, contista que acaba de publicar *Jeito de matar lagartas*, um perfil da leitora Uyara Torrente, vocalista da Banda Mais Bonita da Cidade, e poemas de Jandira Zanchi são outros destaques da edição.

Boa leitura!

CARTUM Benett



BIBLIOTECA AFETIVA

Divulgação



Li *Os anos loucos* – Paris na década de 20 no início da década de 1990, mais precisamente em 1993. Paris na década de 1920 é a cidade para onde artistas de todas as áreas, intelectuais, novos ricos e exilados de diversas partes do mundo iam em bloco. Da *Belle Époque*, passando pela literatura, pelas artes visuais e pelo universo da moda, Paris era a vitrine do centro do mundo. A leitura desse livro de William Wiser foi para mim uma viagem inesquecível em companhia de grandes personagens do início do século XX, dos quais muitos já não eram completamente desconhecidos, faziam parte da minha lista de ídolos. Outros tantos me foram apresentados.

Tania Boss vive em Curitiba, trabalha como professora de Arte da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e ministra oficinas de desenho e pintura no Centro de Criatividade de Curitiba. Nasceu em Fênix (PR).

Divulgação



Minha vida de leitor de literatura se divide em antes e depois de J.M. Coetzee. Mais especificamente, de *Disgrace* (1999), que já reli diversas vezes e que, a cada leitura, me surpreende pela força transmitida por um texto aparentemente tão frio. Mas, bem recentemente, minha vida deu uma nova guinada com a descoberta de autores ingleses cômicos como Evelyn Waugh (1903-1966), Kingsley Amis (1922-1995) e Howard Jacobson. Para capturar toda a potência e hilaridade deste último, nosso contemporâneo, é preciso ler o inesquecível *Kalooki nights* (2006).

Daniel Lopes, teresinense, é estudante de Psicologia e editor da revista *Amálgama*.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Lucas de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Bianca Franco, Marília Costa | estagiárias

Colaboradores desta edição:

Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, Benett, Bianca Franco, Estéfano

Lessa, Franco Caldas Fuchs, Jandira Zanchi, Joca Reiners Terron,

Manoel Carlos Karam, Marília Costa, Marluce Reque, Ramon Muniz,

Richard Bischof e Samuel Casal.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



CURTAS DA BPP



Um Escritor na Biblioteca

A Biblioteca Pública do Paraná lança neste mês a terceira reunião de entrevistas do projeto “Um Escritor na Biblioteca”. Publicado pelo selo Biblioteca Paraná, o livro traz 16 autores, que participaram das temporadas 2012 e 2013 do bate-papo promovido pela BPP. Entre os escritores entrevistados, estão nomes como Luci Collin, Michel Laub, Lourenço Mutarelli, Rubens Figueiredo e Fernando Moraes. O volume será distribuído para todas as bibliotecas públicas do Estado, além de outras instituições culturais do país. Também será vendido, na BPP, por R\$ 20. Mais informações: (41) 3221-4951



Gênesis

Programada para terminar na metade de março, a exposição *Genesis*, do fotógrafo Sebastião Salgado, em cartaz no Museu Oscar Niemeyer (MON), foi prorrogada até 5 de abril. Com curadoria de Lélia Salgado, a

mostra apresenta 245 imagens dos últimos oito anos de trabalho de Salgado. A natureza é o foco principal do fotógrafo, que apresenta imagens impressionantes, como o de uma imensa colônia de pinguins, uma onça pintada do Mato Grosso (de 120 quilos), filhotes de elefantes-marinheiros, entre outras.



Divulgação

Quatro mentes

A Biblioteca Pública do Paraná recebe, no dia 9 de abril, a peça *Quatro Mentes*, que integra parte das apresentações do Fringe, do Festival de Teatro de Curitiba. A apresentação acontece às 19h, no auditório Paul Garfunkel, no segundo andar da BPP. Com texto

original de Bernard-Marie Koltès e direção e adaptação de Fernando Vettore, a peça tem como enredo quatro personagens: uma menina, uma irmã, uma mãe e um psicopata afim de mostrar os transtornos do gênero fazem parte do cotidiano. A entrada é franca.

Rodrigo Garcia Lopes

O poeta Rodrigo Garcia Lopes acaba de lançar uma nova coletânea de poemas. *Experiências extraordinárias* é o sexto livro de poesia do londrinense, que em 2014 estreou na prosa com o romance *O trovador*. Dividido em quatro seções, o livro debate questões sobre culto à celebridade e a banalização da violência. Escrito ao longo de 2014, *Experiências extraordinárias* foi viabilizado por meio de uma bolsa do programa Petrobras Cultural que Garcia Lopes conquistou em 2012.

Hitler e o Brasil

No próximo dia 9, Miguel Sanches Neto autografa em Curitiba seu mais recente romance, *A segunda pátria*. O evento acontece na Livrarias Curitiba do Shopping Palladium, a partir das 19h30. Também haverá bate-papo com o autor. No romance, Sanches Neto vislumbra o que aconteceria se Getúlio Vargas tivesse declarado seu apoio aos nazistas e não aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial.



O João Cabral do conto

Em novo livro, Antonio Carlos Viana reafirma sua escrita concisa, emocionalmente contida, mas também cruel e forte, que lhe valeu comparações com o poeta pernambucano

LUÍZ REBINSKI

Com 40 anos de vida literária e uma obra enxuta, Antonio Carlos Viana é candidato a se tornar um escritor (re)descoberto por um número grande de leitores em um futuro próximo. A literatura vigorosa e de extremo rigor que produz acaba de ganhar reforço: trata-se de *Jeito de matar lagartas*, sexto livro de um dos poucos contistas brasileiros que permanece fiel ao gênero.

Presente em seus livros anteriores com grande intensidade, o sexo na nova coletânea dá lugar a outros temas, como morte, solidão e velhice. A influência rodriguiana é nítida na galeria de viúvas criada por Viana. Mulheres que procuram os caminhos mais descabidos para aplacar a solidão da terceira idade, em geral em empreitadas mal-sucedidas, que trazem à tona o lado cruel da velhice.

O retrato impiedoso da torpeza do ser humano, uma das marcas de Viana, volta em contos como “Cara de boneca” e “Maria Montez”, ambos sobre inocência e perversidade. “Quando estudei teoria literária, aprendi que quanto maior é a inocência do personagem, maior é o trágico”, diz.

Na entrevista que segue, o escritor também fala sobre sua amizade com o poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, o período em que morou na França e da concepção literária que empreendeu em sua obra desde o início dos anos 1970.



Paulo Henriques Britto



O conto-título do seu livro mais recente, *Jeito de matar lagartas*, destoa um pouco, tematicamente, da maioria das outras histórias do livro, que tratam de temas como solidão, medo da morte, etc. Mas, por outro lado, é um conto que tem uma estrutura onde você demonstra uma técnica refinada de escrita: um personagem aparentemente secundário, que é citado apenas uma vez, no início da história, torna-se o protagonista ao final do conto, dando sentido à narrativa. Essa foi a razão para dar ao livro o nome do conto?

O nome do livro ia ser “Bata-ta brava”, que é um conto que está no final do volume. Inclusive a Elisa von Randow, designer, gostou muito porque ia ser um título em que ela poderia brincar bastante na hora de bolar a capa. Aí o Paulo Henriques Britto, que é o primeiro leitor do que escrevo, foi ler os contos e me disse que tinha gostado muito da história “Jeito de matar lagartas”. Foi uma sugestão dele a mudança. Apresentei esse novo título para a Vanessa Ferrari, minha editora na Companhia das Letras, e ela achou que “Jeito de matar lagartas” era mais atraente, então acabou ficando assim. Como tem a palavra matar no título, e a morte está presente em várias histórias, isso acabou ajudando na escolha. Além de ser um título meio brincalhão, mas que tem o verbo matar no meio. O primeiro conto, “Muralha da China”, já fala da morte. Já esse conto a que você se refere, levei muito tempo para terminar. Achava-o meio infantil, terminava de um jeito que eu não gostava. Então fui retrabalhando-o até que coloquei uma pitada de sexo e a história se resolveu. Aprendi com a escritora americana Carson McCullers que,

no conto, é sempre interessante quando o autor joga com um elemento que ninguém espera, que estava no começo da história e reaparece de surpresa. É o que acontece nesse conto, quando o personagem Laurentino reaparece para dar sentido à história.

O sexo é, talvez, o grande tema de sua literatura. Mas neste livro, a solidão parece predominar, não?

Escritor escreve sempre sobre as mesmas coisas. E solidão é um tema muito caro a mim. Assim como o sexo, a morte, sempre estou recorrendo a esses assuntos. Mas nesse livro acho que entrei em um território novo, que é o da velhice. Talvez pelo fato de eu estar vivendo essa fase da vida. Os meus colegas da Universidade envelheceram. E nas conversas que tenho com eles, sinto essa solidão, a vontade de ter alguém e não conseguir, apesar de o desejo não estar morto. Isso cria um conflito terrível. Você quer e o corpo não corresponder. Há sempre essa angústia sexual dos personagens, que pensam mais do que fazem.

Como nasceu a nova coletânea de contos?

Foi interessante a maneira como esse livro foi feito. Eu havia dito aos jornais aqui de Aracaju que não iria mais publicar. Aí, ano passado, eu estava em Curitiba e comecei a enviar uns contos para o Paulo Henriques. E ele foi pedindo para eu enviar mais e mais, porque achou que eu estava com um material bom, o que acabou me incentivando. Mas não havia um livro pronto. O que havia eram diversos textos que mantinha em um arquivo de ficção. Na época eu escrevia todos os dias, das 9h ao meio-dia.

ENTREVISTA | ANTONIO CARLOS VIANA

Então fui tirando esses contos e enviando pro Paulo e pro André, meu filho, que também é escritor. Juntei tudo e mandei para a minha editora, Vanessa, mas sem pretensão nenhuma, apesar da opinião do Paulo. Duas semanas depois a Vanessa me escreveu dizendo que havia gostado muito dos textos. Mas não chegou a falar nada da publicação. E eu deixei a coisa quieta. Tenho uma doença chamada mieloma, que afeta o sangue. A partir de maio de 2014, minha doença se agravou e acabei esquecendo do livro, porque a doença te toma tudo. Quando eu estava internado no hospital, disse a um amigo que só gostaria de estar vivo para ver meu livro. Em dezembro a editora mandou as provas para leitura, mas claro que não tinha condições, porque estava de cama, na base da morfina. Aí o André foi para o hospital e ficou lendo os contos que a editora achava que tinham uma ou outra revisão a fazer. Então o livro saiu em fevereiro deste ano. Como não havia gostado muito da primeira capa, tivemos que refazer, com uma foto que foi tirada do sítio onde passei a infância e fui alfabetizado, porque lá ficava também uma escola. E tem tudo a ver com a história das lagartas. Lá existia muita lagarta.

Um dos contos mais fortes do livro (“Cara de boneca”) é uma história de perversão em que meninos se aproveitam sexualmente de um homem aparentemente muito inocente. De onde tirou uma história tão cruel?

Ele me surgiu meio do nada. Eu estava assistindo ao programa eleitoral e tinha um personagem aqui em Sergipe que se chamava seu Lila. Achei que ficaria interessante em um conto um personagem com esse nome. Quando fui para o computador escrever, o programa não aceitou “Lilá” e colocou acento, então ficou seu “Lilá”. Pensei, melhorou. A partir daí o conto me veio inteiro, com aqueles adolescentes que se valiam de um velho

e se achavam homens. Fato que, anos depois, quando essas crianças e jovens se encontram, já adultos, acarreta um sentimento de culpa, pois ninguém nem mesmo toca nesse assunto. É um conto forte e muito cruel. Quando estudei teoria literária, aprendi que quanto maior é a inocência do personagem, maior é o trágico. O seu Lilá é um inocente, pois se entrega para fazer o bem, mas os outros não veem dessa forma.

Sua literatura tem alto grau de erotismo, mas ao mesmo tempo é impregnada por referências religiosas. Esse aparente paradoxo é proposital?

A teoria do conto, para mim, é muito clara: onde não tem conflito é difícil haver um bom conto. O que vale para a ficção em geral. Nesse caso, quando o sexo aparece, vem junto um sentimento sagrado, religioso, que é de onde tiro o conflito da história. No livro novo, tem um conto que acho bem emblemático disso que estou falando, que se chama “Missa de sétimo dia”. É a história de uma velha prostituta. Ela morre e na missa de sétimo dia um de seus clientes vai à igreja. A família não queria a presença dele lá, porque isso recordava a ideia de que ela, a prostituta, não era tão santa quanto o sermão do padre dava a entender. Eu estudei em colégio de padre. Se formos psicanalisar o autor, isso viria à tona. Porque a ideia de sexo em um colégio religioso é sempre maldita. E durante muito tempo fiquei com isso na cabeça. Só que todas essas referências que tenho, transferi para as personagens. Creio que superei esses traumas incutidos pela educação religiosa. Não tenho mais nenhuma culpa. Demorei a me libertar, mas depois de uma terapia, melhorei. Sempre quis escrever contos eróticos, mas não conseguia, então fui fazer análise. Quando terminei de fazer análise, escrevi *O meio do mundo*. E eu mesmo me surpreendi com a carga de erotismo que havia represada em minhas histórias. E que eu não sabia.

“Neste livro acho que entrei em um território novo, que é o da velhice. Talvez pelo fato e eu estar vivendo essa fase da vida.”

Márcio Garcez





Você estudou a poesia de João Cabral de Melo Neto, que era o anti-poeta no sentido lírico, do sentimentalismo. Seus contos são sempre muito sucintos, dizem apenas o necessário para que a história seja contada. Consegue ver relação entre a sua prosa e a poesia de João Cabral?

No doutorado eu estudei a obra do João Cabral de Melo Neto, mas acho que minha literatura tem muita influência do Nelson Rodrigues, que estudei no mestrado. Herdei muito o humor do Nelson. Mas sou um leitor que gosta de tudo, principalmente de poesia. Talvez seja frustrado por não ser poeta. Fiz meu doutorado comparando as poéticas de João Cabral e Paul Valéry. Mas o que a poesia me deu foi o ouvido, o ritmo da prosa. Acho que é impossível escrever prosa se não tiver um ouvido bom. Pro ritmo, a cadência. Às vezes fico procurando uma palavra para um texto como se estivesse escrevendo um poema. Analiso a sonoridade entre essa palavra e as anteriores e posteriores. E também acho que a gente não se afasta muito daquilo que estuda. Certa vez o Paulo Henriques me falou o seguinte: “Acho que você é João Cabral do conto”. Pela secura, martelada das palavras. Pela busca da palavra contida, que não se derrama muito. E realmente sinto que isso é influência de João Cabral. E como estudei muito Paul Valéry, que é um poeta muito cerebral também, acho que os dois me deram essa carga de escrita em que a emoção pode nascer, mas ela nasce em um plano semântico secundário, nunca em primeiro lugar. Não há palavras líricas no meu texto.

Você foi professor durante muitos anos na Universidade e é um escritor que acompanha de perto o que seus pares estão escrevendo, ou seja, a literatura que é feita hoje. Como professor, conseguia levar a prosa e poesia contemporâneas para a sala de aula

em um ambiente acostumado a debater quase que exclusivamente os clássicos?

Eu levava os autores mais modernos possíveis. Se eu levasse um Maupassant, por exemplo, junto ia um contemporâneo. Lembro de estudar com os alunos muito a Márcia Denner, o Marçal Aquino, o João Carraschoza. Sempre falava deles e achava que tinham um mundo a ser escrito. E não decepcionaram. Mas, conversando com colegas professores, eles me diziam que esse ranço com autores mais jovens surge do medo de apostar em determinados autores e eles não darem certo. Eles preferem ir nos clássicos para não errar. De repente você aposta em um autor e o cara simplesmente some.

Houve algum conflito entre o escritor e o acadêmico em seu período na Universidade?

A Universidade me deu muita coisa. Acontece que quando se entra na academia, dentro da gente, o crítico começa a brigar com o escritor. Dessa luta, um dos dois vai sair machucado. E isso foi um dos entraves por eu parar de escrever durante um longo período. Mal colocava uma frase no papel, eu já estava criticando a mim mesmo. Foi quando resolvi fazer o que meu terapeuta me falou, para eu ir em frente e esquecer o crítico que havia dentro de mim. Mas os estudos literários me foram de grande serventia na minha carreira de escritor, porque a partir desse conhecimento, passei a ter noção se o conto estava bem estruturado, se havia palavra sobrando ou faltando. Enfim, foi importante. Não abria mão da teoria.

Nos últimos anos muito se falou no Brasil em termos como autoficção. Em uma entrevista, você disse que não consegue escrever sobre o real. De onde sua ficção sai?

Acho que é uma coisa mais técnica.

Escrevo uma frase e analiso as possibilidades de explorá-la, como conflito. Às vezes essa frase fica quieta no arquivo uns três meses, mas inconscientemente eu fico trabalhando aquilo. Quando retomo o trabalho, parece que a história já estava pronta. Aconteceu isso com o primeiro conto de *Jeito de matar lagartas*, que se chama “Muralha da China”. Escrevi a primeira frase (“Nossa mãe tinha avisado: ‘Façam de conta que Lelo ainda está vivo’”) e guardei. Não sabia o que faria com aquilo. Até que um dia a história veio inteira.

No conjunto de sua obra, seus contos têm uma estrutura muito definida, não apenas em relação à extensão deles, mas também em como são executados, todos guiados pela ideia de síntese, que denotam um rigor grande na hora da escrita. Quando e como você definiu esse padrão para sua literatura?

Para mim, a teoria do conto é muito simples: ele precisa ter unidade de tempo, espaço e ação. Porque se você começar a dispersar muito a ação, o conto perde o que para mim é muito importante, que é a ação. A tensão tem que ser mantida a todo custo. Sempre digo que o contista não deve fazer o leitor respirar muito. Respira no começo e só solta o ar no final. Que ele seja levado pela força da linguagem. Por isso acho que o conto precisa ter, no máximo, seis páginas. Tudo que não for essencial, deve ser eliminado. A palavra certa é cortar. Quero que o leitor seja arrastado por um conflito, e tudo que não fizer parte desse conflito, é cortado.

De seus três livros mais recentes, *Aberto está o inferno* (2004) parece ser o mais erótico, e os dois livros subsequentes, *Cine Privé* (2009) e *Jeito de matar lagartas* (2015), mais afinados com uma crítica social e de costumes. Essa leitura faz sentido para você?

ENTREVISTA | ANTONIO CARLOS VIANA

É interessante porque só agora, mais de 10 anos depois da publicação, as pessoas estão descobrindo este livro, *Aberto está o inferno*. Muita gente me escreve para falar sobre esses contos. Lembro que na época, quando a coletânea saiu, o Luiz Schwarcz implicou com o título, que é um pouco longo e invertido, com o sujeito depois do verbo. Tudo isso dificulta que a pessoa grave o nome. Desde os tempos em que morei na França e li o Livro de Jó, essa frase ficou na minha cabeça. Quando eu publicar um livro, o título vai ser esse, pensava. Aí juntei todos os contos em que as personagens estavam em situação extrema, e fiz o livro. Então o inferno está aberto para todos os personagens, por isso eu gostei do título. Mas hoje colocaria “Barba de arame”, que é um conto forte que está no livro. É a história de uma menina que é enganada por um homem que promete construir uma latrina em troca de sexo.

No final dos anos 1990, você começou a aparecer mais, após sua ida à Companhia das Letras. Como foi esse caminho?

Durante os anos 1990, parei de publicar ficção e me dediquei mais à academia, ao ensino de como ensinar redação. E depois publiquei o trabalho pela editora Scipione (*Guia de redação: escreva melhor*). Também parei de publicar porque estava muito decepcionado com as editoras. Em 1993 ganhei um prêmio no Rio Grande do Sul com a coletânea *O meio do mundo*, mas a edição que fizeram do livro era muito ruim. O livro era tão miserável, tão malfeito, que pensei: “Não quero publicar mais nada”. Foi quando apareceu a oportunidade de fazer uma coletânea com meus trabalhos anteriores, que acabou saindo pela Companhia das Letras. Devo isso ao meu padrinho lá, o Humberto Werneck. Foi ele que me apresentou na editora. Eu, sinceramente, já havia desistido de publicar.

O poeta e tradutor Paulo Henriques Britto é uma das pessoas para quem você sempre recorre quando vai lançar um novo livro. É o chamado primeiro-leitor. Como vocês se conheceram e que tipo de afinidade mantêm?

É uma relação interessante. Todo mundo se assusta um pouco quando falo, mas o Paulo foi meu aluno no Rio de Janeiro, no segundo grau. Nos conhecemos quando ele tinha 17 anos e eu 23. Ele já era um aluno brilhante, acima da média. Já havia lido quase tudo de importante. Ele me apresentou a livros de autores como Clarisse Lispector. A partir daí começamos a trocar ideia sobre literatura e não paramos até hoje. Nunca nos perdemos de vista. Lembro quando ele foi morar nos Estados Unidos, ainda assim nos correspondíamos por carta. Ele mandava os poemas que fazia para eu ler, depois eu enviava meus contos. Até hoje é assim. Ele é um intelectual competentíssimo. A opinião dele vale muito pra mim. Por isso ele lê tudo que escrevo antes de publicar.

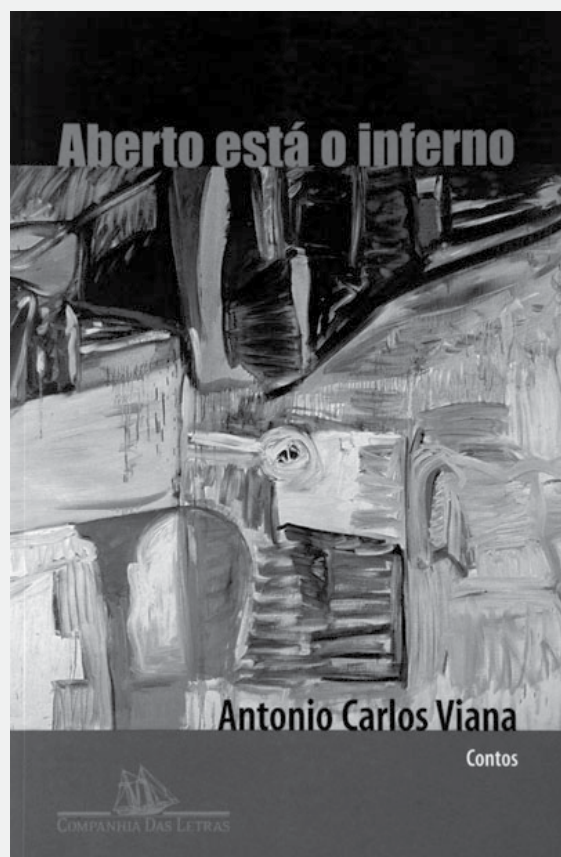
Você é um escritor que surgiu nos anos 1970, quando o conto dominou a literatura brasileira. Por que o entusiasmo com o gênero arrefeceu nas décadas seguintes? O que houve?

Na época havia muito incentivo ao conto, muitos concursos, por exemplo, o que despertou interesse, vontade de escrever, inclusive em mim. Comecei a escrever conto por causa dos concursos literários. Aí comecei a ganhar uns desses prêmios e achei que eu realmente era contista. Mas muitos pararam. Às vezes eu pego a revista *Ficção* e fico pensando onde foram parar todas aquelas pessoas que escreviam. Depois dos anos 1980, deu uma esfriada, nos anos 1990 a coisa melhorou e hoje eu percebo que o número de contista é que diminuiu muito. O que tenho lido de conto, como jurado de concursos, não tem me animado muito. ■

O ESSENCIAL DE ACV

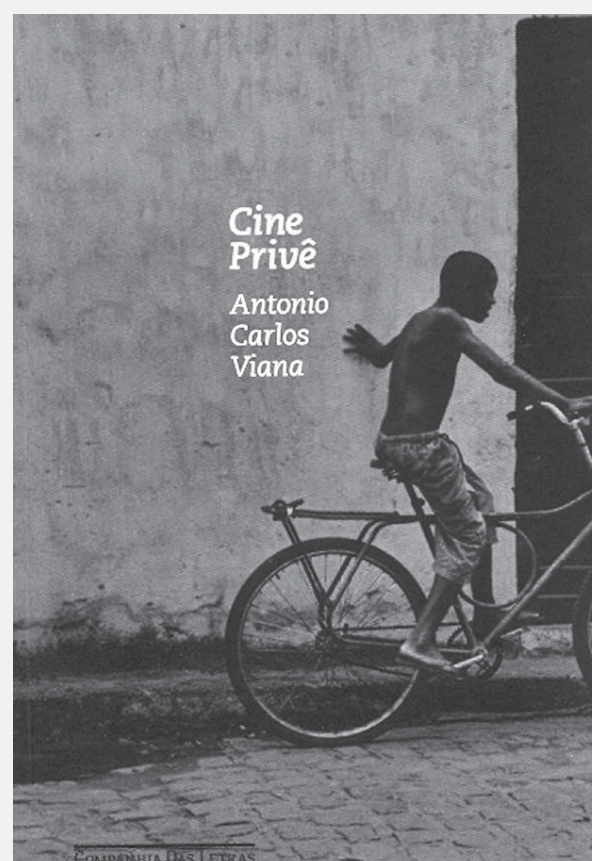
**O meio do mundo e outros contos**

Com seleção e apresentação de Paulo Henriques Britto, a coletânea reúne histórias dos três primeiros livros de contos de Antonio Carlos Viana — *Brincar de manja* (1974), *Em pleno castigo* (1981) e *O meio do mundo* (1993) —, títulos que sofreram com a falta de distribuição, o que justifica a seleta, pois apresenta ao público um escritor talentoso até então pouco conhecido. Nessas histórias, Viana já empreende o padrão literário que reafirmaria em livros posteriores, como a concisão e o relato, muitas vezes devastador, de cenas cruéis do cotidiano.



Aberto está o inferno

Alguns dos melhores contos do autor sergipano se encontram nesta coletânea escrita ao longo de uma década. É o caso de “Barba de arame”, em que um homem promete a uma menina pobre construir uma latrina em troca de sexo, e “Ana Frágua”, relato de uma prostituta que transa com um jovem minutos depois de ter arrancado três dentes da boca. Tirado de uma passagem da *Bíblia* (“Aberto está o inferno e não há véu algum que descubra a perdição”), o título resume bem os eventos que envolvem os personagens dessas histórias que refletem de forma original a torpeza e crueldade do ser humano.



Cine Privê

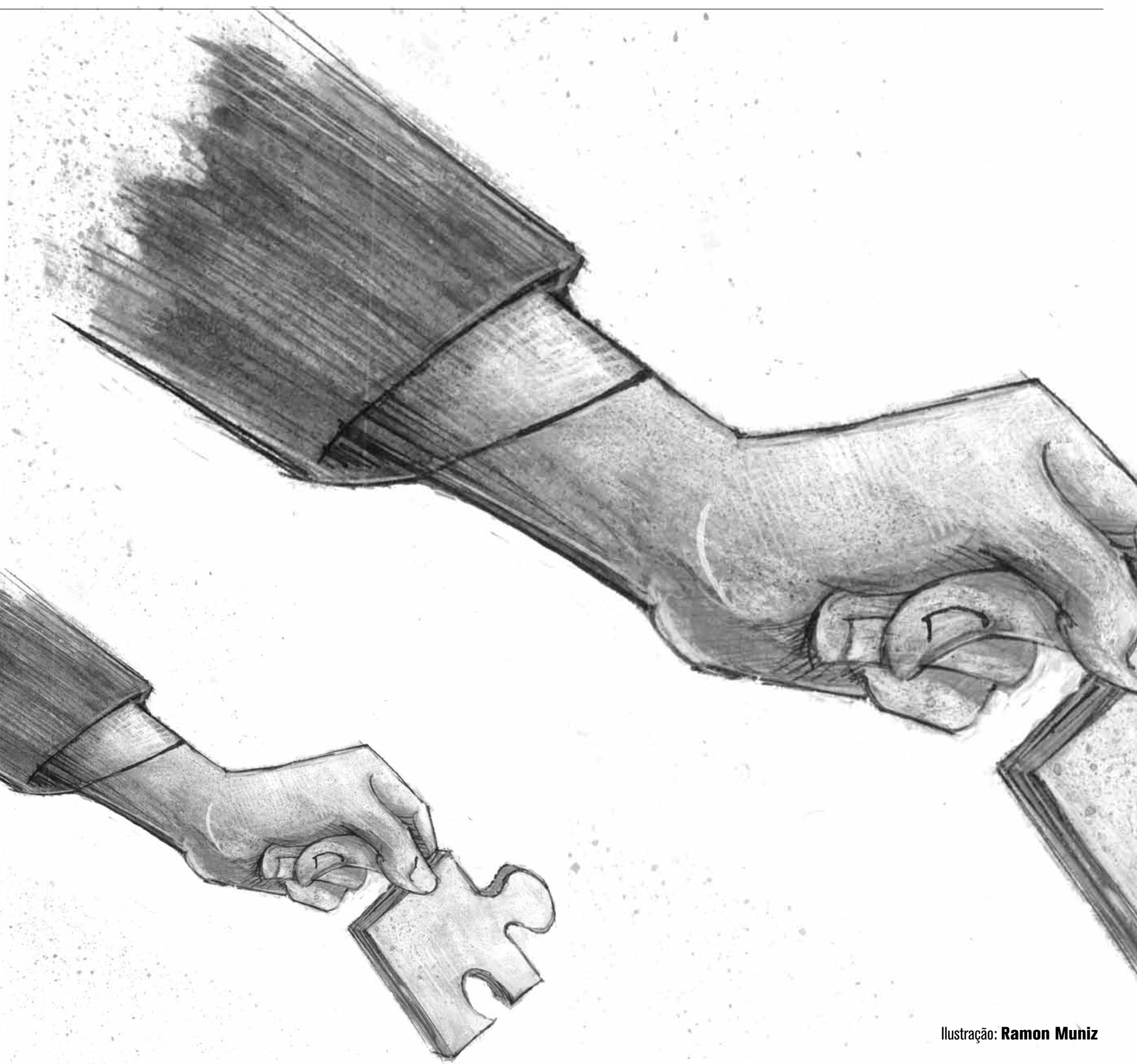
Livro mais conhecido de Viana, *Cine Privê* dedica-se em grande parte à infância, com toda complexidade que essa fase da vida apresenta. Mas, como é comum em sua literatura, Viana mais uma vez é econômico até mesmo em histórias memoria-lísticas. Mesmo se atendo apenas ao essencial para empreender a narrativa, o autor revela uma gama imensa de detalhes ao leitor a cada conto. Destaque também para histórias mais “pesadas”, como “Cine Privê”, em que um idoso ganha a vida limpando cabines de cinema pornô, e “Duas coxinhas e um guaraná”, sobre um rapaz que mata a própria mãe.



Jeito de matar lagartas

Mais recente livro de contos do escritor, traz 27 narrativas sobre sexo, morte e, principalmente, solidão. Viúvas, descasados e outros tipos solitários estão sempre à procura de alento para algum tipo de perda que tiveram ao longo da vida. Muitos deles na velhice. Viana mais uma vez constrói histórias fortes que passam longe do pólen da pieguice.

ESPECIAL | FRAGMENTAÇÃO LITERÁRIA



Estratégia para recriar o mundo

De origem incerta e difícil de ser definida, a fragmentação literária existe desde a Antiguidade, divide a opinião de estudiosos e chega ao século XXI como uma marca desse período em que a literatura também é veiculada em plataformas digitais

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Há quem diga que a literatura do século XXI é, por excelência, fragmentada — basta conferir o legado do alemão Winfried Georg Sebald (1944-2001), a obra em progresso de Luiz Ruffato ou a produção literária de Valêncio Xavier, Manoel Carlos Karam, João Gilberto Noll, Raimundo Carrero, Nuno Ramos, Sérgio Medeiros, Veronica Stigger, Joca Terron e Laura Erber.

Outras vozes observam que quase tudo está fragmentado, sejam as várias atividades e obrigações diárias de uma pessoa em 2015 até as narrativas veiculadas nas redes sociais: o link de um texto de um portal de notícias, seguido de uma frase atribuída a Caio Fernando Abreu e uma crônica do Luis Fernando Verissimo ou do Carpinejar.

Tudo estaria mesmo fragmentado no século XXI? Qual a relação disso com a literatura?

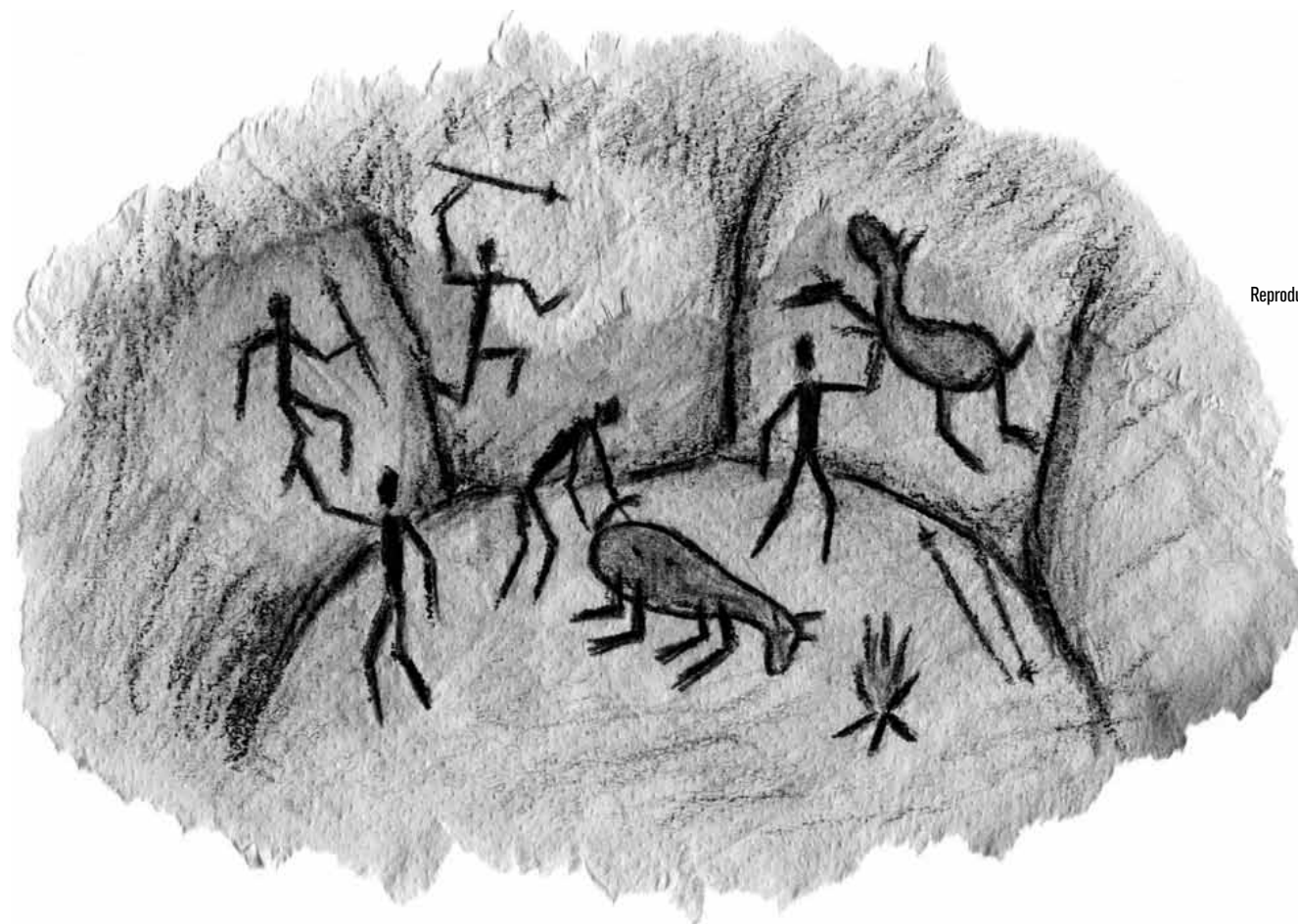
Se é difícil definir a fragmentação, também não é fácil apontar exatamente quando ela surgiu no universo literário. A professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Dirce Waltrick do Amarante afirma que a poesia clássica antiga e os textos pré-socráticos já eram fragmentados. Aurora Bernardini, professora da Universidade de São Paulo (USP), diz que a fragmentação sempre existiu — desde os rabiscos primitivos de nossos ancestrais.

“O que muda é a luz lançada sobre a fragmentação. Ou seja, sua definição se modifica conforme a escola ou o movimento que a analisa. Em termos gerais, trata-se de uma escrita curta (aforística), em que a ideia pode vir concluída ou não. Os antigos oráculos, cujas predições, que tanto aparecem na literatura e que deviam ser interpretadas, eram exemplo de fragmentação rica em ambiguidade”, comenta Aurora.



“Acho que o interesse pelo fragmento começa com os românticos alemães, Schlegel e Novalis. O interessante é que, provavelmente, os românticos passaram a valorizar esse tipo de coisa quando perceberam a beleza das ruínas arquitetônicas e, especialmente, a beleza misteriosa de textos gregos e romanos que nos chegaram incompletos”,

Marcelo Coelho, escritor e crítico.



Reprodução

A professora da Universidade de São Paulo (USP) Aurora Bernardini afirma que a fragmentação é antiga e existe desde os rabiscos de nossos ancestrais, a exemplo do que se pode ver no desenho pré-histórico desta imagem.

Já a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Karina de Castilhos Lucena acredita que a fragmentação é “cria” do século XX, uma espécie de resposta a um processo histórico também fragmentário que inclui duas guerras mundiais: “A narrativa fragmentária é aquela que não segue uma ordem cronológica. Não vamos encontrar um padrão de início, meio e fim, por exemplo, o nascimento da personagem no primeiro capítulo, seu casamento na metade do livro e sua morte no último. Se por acaso esses acontecimentos aparecerem nessa ordem, virão filtrados pela memória do

narrador, que salta de um tema a outro sem uma lógica preestabelecida.”

A professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Rejane Rocha é cautelosa ao definir a fragmentação, pelo fato de o conceito ser entendido de maneiras diferentes na história da cultura: “Se pensarmos em *As mil e uma noites*, não seria possível identificar as narrativas que se encaixam sucessivamente, no relato de Sheherazade, como um procedimento que remete à fragmentação? Por outro lado, o que haveria em comum entre esse método e aquele utilizado por Baudelaire em *Spleen de Paris*, para comunicar as sensações

do sujeito que, às portas da Modernidade, tenta compreender a cidade?”.

Ao invés de pensar, por exemplo, no marco-zero da fragmentação, a estudiosa da UFSCar prefere apontar para o momento em que o procedimento formal assumiu importância programática, no entendimento dela, na chamada alta modernidade literária — entre o final do século XIX e o início do século XX.

“Entendo o impulso programático como um esforço consciente dos artistas desse momento de organizar a linguagem e as estruturas narrativas de modo a se colocarem à altura dos desafios para expressar um mundo, um sujeito e uma

sensibilidade que não mais se mostravam íntegros, coesos e coerentes. Isso se evidencia, por exemplo, nas propostas cubistas em artes plásticas, e também na prosa e na poesia do mesmo período”, argumenta Rejane.

Artifício surpreendente

Apesar de o fragmento existir desde a Antiguidade, e ser um artifício fundamental para dialogar com a diluição do sujeito e, evidentemente, do mundo no século XX, a professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Marília Cardoso afirma que a fragmentação foi retomada — com intensidade — ainda no século XVIII por alguns escritores românticos da Alemanha. O articulista da *Folha de S. Paulo* Marcelo Coelho também identifica nos intelectuais alemães citados pela professora da PUC-Rio um retorno do procedimento estético.

“Acho que o interesse pelo fragmento começa com os românticos alemães, Schlegel e Novalis. O interessante é que, provavelmente, os românticos passaram a valorizar esse tipo de coisa quando perceberam a beleza das ruínas arquitetônicas e, especialmente, a beleza misteriosa de textos gregos e romanos que nos chegaram incompletos”, diz Coelho, referindo-se à poesia de Safo [de aproximadamente 600 anos antes de Cristo], por vezes, “reduzida a algumas poucas palavras e versos isolados que ressurgem no século XIX, e de finais do século XVIII, com uma veracidade, uma força, um poder de sugestão que as obras mais acabadas e lisas do classicismo não eram mais capazes de apresentar”.

De acordo com Marília Cardoso, da PUC-Rio, as possibilidades do fragmento, em especial a força da concisão, seriam apropriadas, posteriormente, por Friedrich Wilhelm Nietzsche e outros autores no mundo todo, incluindo Oswald de Andrade. Mas, no Brasil, quem utilizou a fragmentação com maestria foi

Machado de Assis no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* [leia mais sobre o livro na página 25]. “Os textos dos primeiros viajantes e colonizadores são fragmentários, uma vez que reúnem observações díspares. Mas Machado de Assis talvez represente a maturidade estética do fragmento no Brasil”, observa Dirce Waltrick do Amarante, da UFSC.

Karina de Castilhos Lucena, da UFRGS, diz que, pelo fato de o narrador do livro estar morto durante a narração, *Memórias póstumas de Brás Cubas* é o exemplar perfeito da fragmentação — “já que não há ruptura mais profunda com a linearidade do que pôr um morto a narrar a história”. Rejane Rocha, da UFSCar, acrescenta que, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis mobiliza recursos identificados com

a fragmentação, como o estilhaçamento dos capítulos até a inserção de digressões que rompem com a linearidade do enredo. “Além disso, no que diz respeito ao momento literário em que Machado esteve inserido, tais recursos não eram mobilizados com frequência — basta pensarmos nos escritores realistas paradigmáticos da literatura ocidental, de Flaubert a Eça de Queirós”, completa a especialista da UFSCar.

Ocaso da vanguarda

Rejane Rocha analisa que, como boa parte dos procedimentos programáticos da vanguarda, aqueles cuja função era abalar as estruturas estéticas a partir de proposições linguísticas e narrativas radicais, a fragmentação se popularizou e, nesse sentido, perdeu seu potencial de

Reprodução



De acordo com a professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Dirce Waltrick do Amarante, na Grécia Antiga já havia fragmentação literária. “A poesia clássica antiga é extremamente fragmentária. Aliás, o que são os textos pré-socráticos? Acredito, por isso, que o fragmento seja o princípio e o fim da literatura”, afirma Dirce.



Reprodução

Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, representa a maturidade estética do fragmento na literatura brasileira. “Se pensarmos na figura do defunto-autor, *Memórias póstumas* parece mesmo o exemplar perfeito da fragmentação, já que não há ruptura mais profunda com a linearidade do que pôr um morto a narrar a história”, diz Karina de Castilhos Lucena, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

choque e novidade. A estudiosa cita Octávio Paz que, em *Os filhos do barro*, reflete a respeito do fenômeno, localizando-o no interior do que ele denomina como “ocaso da vanguarda”.

O ensaísta e poeta mexicano afirma que é possível identificar o declínio da ideia de arte moderna na medida em que, hoje — o texto de Paz foi publicado pela primeira vez em 1974 — suas negações teriam se convertido em rituais, sua rebeldia em procedimento, sua crítica em retórica e o seu impulso transgressor em cerimônia.

“O leitor contemporâneo, educado na ‘tradição da ruptura’ — o termo também é de Paz, no mesmo livro — aprendeu a valorizar procedimentos como a fragmentação. Os escritores também. Talvez, justamente por isso, esse método e outros arregimentados pela alta modernidade para incomodar e mobilizar os leitores, para romper com a tradição constituída e o cânone estabelecido, hoje são arregimentados como forma de expressar o pertencimento ao que se identifica como arte. O que não significa dizer que, na contemporaneidade, a fragmentação não seja utilizada como estratégia que rende, ainda, interessantes resultados e que possui ainda potencial crítico e mobilizador”, afirma a professora da UFSCar.

Plataforma não é garantia

Autor do livro *Crítica cultural: teoria e prática*, Marcelo Coelho observa que, no presente, talvez, o que pareça mais fragmentado não seja exatamente o produto literário, a forma da narrativa por exemplo, mas sim o lapso de atenção do leitor.

“O jornal sempre foi fragmentado, por exemplo. Qualquer anúncio num quadradinho de classificados, qualquer slogan publicitário em verso, mesmo os feitos por Olavo Bilac, tendiam a esse efeito de ‘simultaneidade’,

de ‘colagem’, que não por acaso foi uma das fontes de inspiração do modernismo”, afirma Coelho, acrescentando que a aceleração é maior hoje em dia, a partir da linguagem da TV, em primeiro lugar, e mais tarde a partir do sistema do controle remoto da própria televisão, que introduz o “zapping”: “A absorção e a rejeição das informações ocorre em frações de segundo. Não tanto porque a obra em si seja assim (o programa de televisão, a novela), mas porque o espectador tem mais controle sobre a velocidade da apresentação.”

Rejane Rocha, em sintonia com o discurso de Marcelo Coelho, diz que uma característica e uma potencialidade do meio não devem ser confundidos com um procedimento literário: “Um romance colaborativo no twitter pode ser absolutamente linear em termos de estruturação narrativa. Algo parecido não acontecia com os romances do século XIX, escritos no formato folhetim e publicados, de forma seriada, nos jornais?”.

“No que diz respeito aos meios e às poéticas digitais, o que se observa é que os textos literários produzidos especificamente para esses novos suportes, e não apenas transplantados do meio impresso para o meio digital, são mais interessantes esteticamente na medida em que reconfiguram o expediente da fragmentação aliando as possibilidades do meio às estratégias formais da literatura, que existem há tempos, reconfigurando-as”, comenta Rejane.

Dialogando com a especialista da UFSCar, Aurora Bernardini, da USP, afirma que a fragmentação, em si, não é literatura: “Esses textos [avulsos, veiculados e lidos aleatoriamente na internet, via Face, no link do twitter] se não incorporados em alguma obra com algum intuito artístico, não são literatura. A fragmentação só tem sentido literário se for convenientemente incorporada em alguma obra artística.” ■

Reprodução



A plataforma digital não é sinônimo de fragmentação literária. “Um romance colaborativo no twitter pode ser absolutamente linear em termos de estruturação narrativa. Algo parecido não acontecia com os romances do século XIX, escritos no formato folhetim e publicados, de forma seriada, nos jornais?”, observa a professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Rejane Rocha.

CONTO | JOCA REINERS TERRON

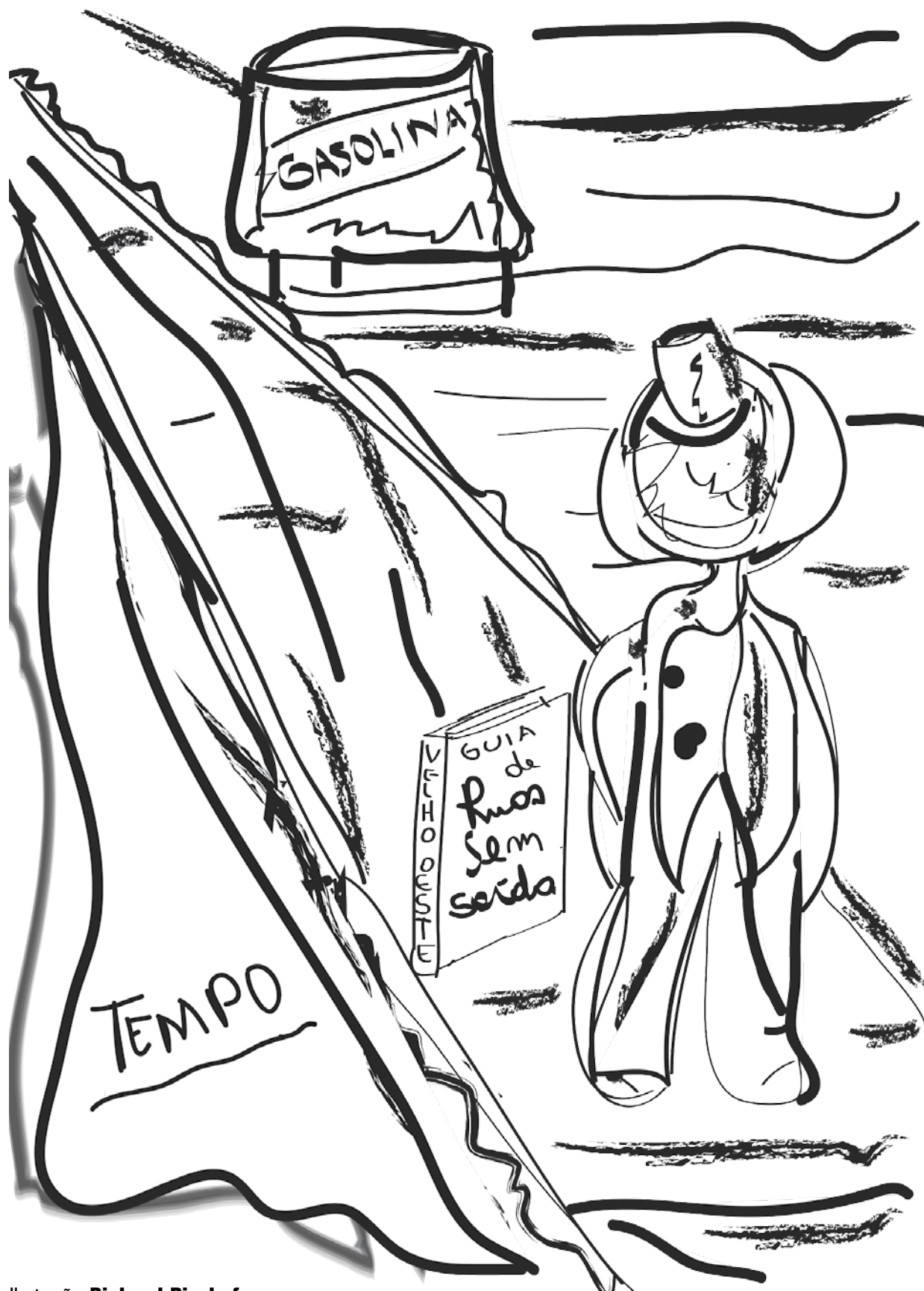


Ilustração: Richard Bischof

Como viver aqui é insuportável, resolvemos sair em busca dos conselhos de Velho Oeste. Na estrada, paramos no Posto de Gasolina Encantado para perguntar ao frentista qual era o lugar onde Velho Oeste vivia. “No leste”, o frentista respondeu. “Como assim, no leste?”, eu perguntei. “Como assim, não era no sul?”, perguntou Máquina. “Como assim, não é mais pro norte?”, perguntou Pústula. “Como assim, não deveria ser mesmo no oeste?”, perguntou Paraísos Artificiais, “afinal, o cara se chama Velho Oeste”. O pessoal do Ministério da Fome é mesmo muito engraçado. Só Paraísos Artificiais que nunca entende nada. Ele é um baterista e os bateristas estão sempre chapados demais pra entender alguma coisa. “Ele sempre foi gozador, o Velho Oeste”, respondeu o frentista, “a consulta custa cinquenta centavos.” Na saída, o frentista nos deu um livro muito grosso. “Leve isto”, ele falou, “vai ser muito útil pra vocês”. O livro se chamava *Guia de ruas sem saída*. O autor era Velho Oeste.

O livro começava assim.

“Vocês precisam saber que a principal coisa a fazer é matar o Tempo. E não existe arma mais letal e que o Tempo mais tema do que Contar Histórias. Contar Histórias é fogo: o Tempo não resiste e acaba morrendo quietinho quietinho. Puf, é assim que ele morre. Mas agora eu vou contar uma história. Pra matar o Tempo. É uma história muito antiga. É a história de como tudo começou. É a

História de Banha

Banha era um adolescente normal, tão normal que era gordo, muito gordo. Até que ele começou a ter acne. Em poucos meses o corpo dele foi in-



VELHO OESTE

teiramente tomado por espinhas. Eram espinhas do tamanho de furúnculos, e ficavam tão inflamadas que explodiam sem nenhum motivo (a não ser o fato de estarem inflamadas). Um dia quando ele caminhava pela rua, uma espinha que ficava na testa de Banha explodiu e caiu na boca de uma garota que passava. Em meio segundo a garota começou a 1) babar; 2) cantar um hino religioso numa língua desconhecida; 3) seu cabelo ficou verde; 4) fundou uma religião. Banha se tornou o deus idolatrado por aquela religião chamada A.C.N.E., que significa Assumpção Christiana de Novas Espécies. A Garota de Cabelos Verdes virou sacerdotisa e ordenou que Banha fosse colocado em uma estufa de vidro e que ele fosse alimentado somente com chocolates. De três em três meses, as espinhas de Banha floresciam e explodiam e o corpo dele era inteiramente lambido pelos devotos da igreja. Esse ritual se repetiu por muitos e muitos anos. Coisas que aconteciam quando os devotos lambiam as espinhas de Banha 1) inventavam coisas inúteis; 2) faziam amor com vegetais; 3) os cabelos e pentelhos ficavam multicoloridos; 4) inventavam línguas que ninguém entendia. Com o passar dos anos, Banha ficou parecido com um baiacú. Com o passar dos anos, Banha ficou parecido com uma couve-flor. Com o passar dos anos, Banha se transformou num cogumelo. Esta foi a história de Banha.

e pronto: o Tempo morreu. Não doeu nada, doeu? Bom, não são vocês que têm de me responder isso, mas o Tempo, e o Tempo já não tem mais

como falar nada porque tá mortinho da silva. Mas eu tenho certeza de que não doeu nada. Isso não interessa. E o que é que interessa?, é isso o que as cabecinhas ocas aí de vocês devem estar pensando neste exato momento: o que é que interessa, hein, porra? É isso aí. Bom, o que interessa é que vocês estão no caminho certo. Agora basta seguir essa estrada em linha reta sem olhar pros lados. Ê, não olhem muito pros lados, pois aqui tem uns bichos muito medonhos. A melhor coisa que vocês têm a fazer é simplesmente não olhar pros lados e seguir em linha reta. Lá no final da estrada em linha reta tem uma curva. Mas não façam a curva: saiam da estrada e continuem em linha reta pelo deserto. Depois de atravessarem o deserto, isto deve levar uns quarenta dias, vai aparecer um platô em forma de platô. Vocês o reconhecerão assim que o virem, não se preocupem. Escalem o platô em forma de platô pelo lado Oeste, que é menos íngreme, além de ser fácil de guardar, pois tem o meu nome. Eu podia complicar, tipo, dizendo procês escalarem pelo lado leste. Mas não. A hora que vocês conseguirem chegar no cume do platô, pronto, chegaram. Estarei à espera de vocês com uma cervejinha bem gelada.”

Entramos no deserto, mas parecia mais que o deserto é que tinha entrado dentro de nós. Pior, não parecia nem um pouco disposto a sair. Continuamos a andar. Caminhamos quarenta dias e quarenta noites. Quando Pústula parecia prestes a desmaiar, avistamos o platô. Caminhamos mais quarenta dias e quarenta noites, sempre com o pla-

tô em vista. Quando vimos o platô, o platô sumiu. Nova contagem de dias e noites começou, e caminhamos quarenta dias e quarenta noites. Então avistamos o platô. Agora não mais somente Pústula que estava em vias de desmaiar, mas o Ministério da Fome inteiro. Se continuássemos assim, em breve seríamos uma ex-banda. Bastou nos distrairmos um segundo com essa digressão e pronto: o platô sumiu de novo. Andamos mais quarenta dias e quarenta noites e já estávamos nos acostumando a essa caminhada sem fim quando surgiu o platô. Era o mesmo platô ou era outro platô? Não importava, e caminhamos em sua direção. Quando o atingimos, percebemos que não só era um platô de verdade como era o platô que procurávamos, o de Velho Oeste. Começamos a escalá-lo, mas percebemos que era o lado errado. Prosseguimos assim mesmo, pois o Ministério da Fome nunca subiria pelo lado certo.

No topo do platô fazia um sol dos diabos e havia uma gruta, o que foi providencial. Na entrada tinha uma tabuleta onde estava escrito: Gruta do Velho Oeste. Em baixo dessa frase havia outra, que dizia: Se você está procurando a Gruta do Velho Leste, fica mais ao sul. Se procura a do Velho Norte, fica mais ao leste. Como o interior da gruta estava vazio e não havia nenhum sinal de Velho Oeste, abrimos o livro na última página. Lá estava escrito:

“Pô, desculpa aí. Andei meditando nos últimos duzentos anos, tão sabendo, meu corpitcho tava numa boa,

só na meditação tukdam, que é uma meditação muito louca na qual o cara vai meditando e meditando e meditando até virar tipo uma samambaia. Eu já tinha virado só um saco de pele com unha e osso, daí um pardal trouxe uma semente e jogou em cima de meus restos e a semente vingou e nasceu uma samambaia e eu já tava nessa de samambaia fazia uma cara, acho que uns trinta anos, daí um ladrão muito do sem vergonha passou por aqui na semana passada e me roubou, pensando que eu fosse um pé de maconha. Agora ele tá tentando me vender no mercado negro, dizendo que eu sou a reencarnação do Buda. Vai vendo. Olha, vocês têm que me encontrar. É fácil, caminhem sempre pro sul. Quando virem um arco-íris, basta me procurar debaixo dele. Pra efeito de reconhecimento, estarei vestido de samambaia, ok. Já sei como vocês estão vestidos. Venham logo, antes que esse babaca me fume inteira. Falou e disse, báibái.” ■

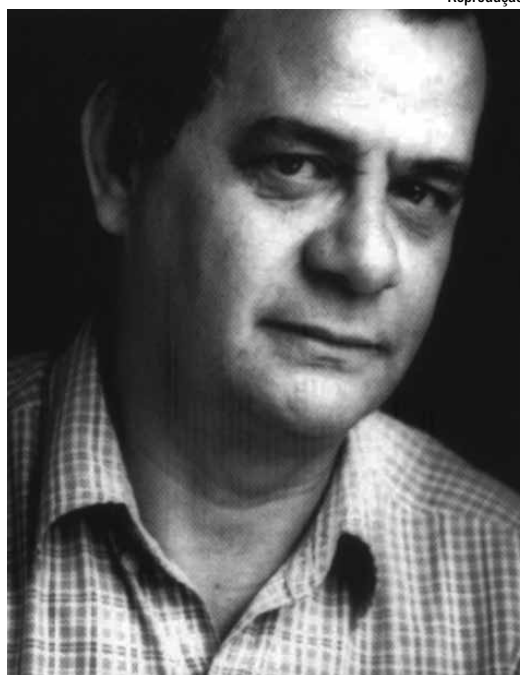


Joca Reiners Terron nasceu em Cuiabá (MT), em 1968, e vive em São Paulo (SP). Poeta, prosador e designer gráfico, foi editor da *Ciência do Acidente*, pela qual publicou o romance *Não há nada lá* e o livro de poemas *Animal anônimo*. É autor também dos volumes de contos *Hotel Hell*, *Curva de rio sujo* e *Sonho interrompido por guilhotina*. No romance, publicou *Do fundo do poço se vê a lua*, vencedor do prêmio Machado de Assis, e *A tristeza extraordinária do Leopardo-das-Neves*. O fragmento publicado aqui faz parte da novela inédita *O espaço sideral no estômago*.

A linguagem da imperfeição

Autor do fundamental *O que é pós-moderno*, Jair Ferreira dos Santos fala sobre o caráter fragmentário da vida e seus reflexos nas artes e na mídia

OMAR GODOY



Jair Ferreira dos Santos, autor do *best-seller* *O que é pós-moderno*.

No início dos anos 1980, o escritor Jair Ferreira dos Santos escolheu um assunto “da moda” para sua tese de mestrado em Comunicação: a pós-modernidade. O trabalho não foi concluído, mas a pesquisa acabou se transformado num livro que ainda hoje é referência no país. *O que é pós-moderno*, lançado pela editora Brasiliense em 1985, já vendeu mais de 200 mil exemplares e segue sendo reeditado. De lá para cá, Ferreira publicou apenas outros três volumes — *A inexistente arte da decepção* (contos, 1996), *Breve, o pós-humano* (ensaios, 2003) e *Cybersenzala* (contos, 2007) —, todos marcados por reflexões sobre o contemporâneo, a vida urbana e a era da informação.

“Fragmentação”, portanto, é um conceito bastante presente no universo do autor de 68 anos, paranaense de Cornélio Procópio radicado no Rio de Janeiro desde a década de 1970. Em entrevista concedida à reportagem do **Cândido**, Ferreira falou sobre o tema do especial desta edição e seus desdobramentos estéticos, filosóficos e sociológicos. Também adiantou detalhes de seu próximo romance, que trata, entre outros tópicos, das transformações recentes vividas pelos habitantes das cidades do interior do Brasil. Leia a seguir os melhores momentos da conversa.

UM DRAMA NA ORIGEM

O drama da separação homem/mulher, do dia/noite está na imaginação e na sensibilidade humanas desde sempre, portanto somos fragmentos já na origem. Boa parte dos mitos trata disso, a nostalgia do uno, do todo. (...)



As grandes epopeias são divididas em cantos. Por aí também se vê que a fragmentação nos acompanha desde a antiguidade. Mas ali seu papel era de organizar a sucessão dos fatos para entregar ao leitor um significado transparente. Hoje a fragmentação serve, ao contrário, à opacidade da leitura, à resistência à significação imediata. É que é preciso trazer à tona, junto com o fragmentário, a complexidade. Nossa vivência de mundo é parcelar e múltipla, com entrelaces de lógicas diferentes. É preciso violar o senso comum acomodado no berço esplêndido da linearidade, da clareza, da verdade única. (...) À medida que as metrópoles crescem, os fenômenos do isolamento, da atomização social, da alienação começam a se impor e a determinar modos de vida em que os sujeitos parecem estranhos a si mesmos, não têm mais um ego unitário e estável. Sua experiência de mundo é descontínua, cada vez mais veloz e insatisfatória, em suma, fragmentária e ininteligível. O hermetismo da arte moderna não quer dizer outra coisa. Quando Picasso fraciona um objeto ou um rosto em mil ângulos e Kandinsky embrenha formas desconexas umas nas outras, eles estão dizendo que a unidade e a totalidade implodiram, o real não é representável articuladamente. Temos de nos contentar com fragmentos, com a imperfeição, que aliás é o tema filosófico por excelência do contemporâneo.

AUTORES PIONEIROS

A fragmentação se torna regra no Modernismo, que também é um fenômeno urbano, o que significa mutação

constante, sensorialidade, solidão, anonimato, abstração, desumanização. A obra de autores como Rimbaud, Poe, Baudelaire, Kafka, Joyce e Proust reflete essa condição existencial, e a melhor maneira de se apresentar uma desagregação espiritual, civilizatória — instituições e valores burgueses estão vindo abaixo — é pela fragmentação. A outra é a guerra, como a de 1914, um prodígio de crueza e destruição, com um impulso não muito diferente daquele das vanguardas modernistas e seus manifestos. A esse contexto é preciso acrescentar, entre meados do século XIX e início do século XX, o advento de artes e ofícios fragmentários por natureza como o jornalismo, a fotografia, o cinema, o rádio. Cabe incluir neste inventário, ainda, as contribuições de Einstein e de Freud, que abalam as convicções científicas e filosóficas das visões de mundo determinísticas, agora em confronto com os modelos probabilísticos. O sonho, tão cultuado pelos poetas, é não só fragmentário como obscuro e aleatório, traços bastante presentes na obra de Joyce, por exemplo. Proust pura e simplesmente destitui o enredo, que é conexão, organização das partes, como valor estético, substituindo-o por uma temporalidade incerta, fluida, ao sabor das associações imprevisíveis da memória involuntária.

MÚLTIPLAS VOZES

Os romances com vários narradores esfacelam a tonalidade narrativa. Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, interpola fragmentos curtos e longos ligados ao passado e ao presente e imprime à sua pouca história

“É preciso violar o senso comum acomodado no berço esplêndido da linearidade, da clareza, da verdade única.”



ESPECIAL | FRAGMENTAÇÃO LITERÁRIA

uma dinâmica inteiramente em contraste com o tom cético e irônico do seu frio narrador, um morto. “The Babysitter” (1969), conto do americano Robert Coover, é mais radical e relata a noite de um casal que foi a uma festa na vizinhança, deixando os dois filhos com a babá. Cinco ou seis enredos possíveis se entrelaçam no mesmo cenário: o marido vai ver como estão os filhos e come a babá. A mulher flerta com um amigo ou sai à procura do marido e é surpreendida por ladrões, um dos quais, namorado da babá, mata a mulher ou mata a babá. A polícia não vem. A polícia entra na casa duas horas depois. É um conto brilhante e constitui um dos pontos altos da literatura pós-moderna.

A IMPORTÂNCIA DA POESIA

A poesia foi a frente de batalha mais intensa da revolução modernista. A fragmentação se mostrou uma das armas altamente eficientes na destruição em massa dos códigos, das formas, dos temas, da ideologia estética da tradição. Contra as formas fixas e os temas convencionais, o fragmento foi o operador inigualável do mote “Palavras em Liberdade”. É o signo mais evidente da “experimentação” formal introduzida pelos modernistas. Ele quebra o poema como mensagem unitária no mesmo movimento em que afasta a eloquência, recondiciona a emoção. A música das esferas dá lugar ao registro dos ritmos urbanos e mecânicos, nos quais a dissonância impõe menos harmonia. Com isso, muda-se a noção de leitura lírica: sai a declamação e entra o compromisso do poema com a prosa da vida cotidiana, que é bastante truncada.

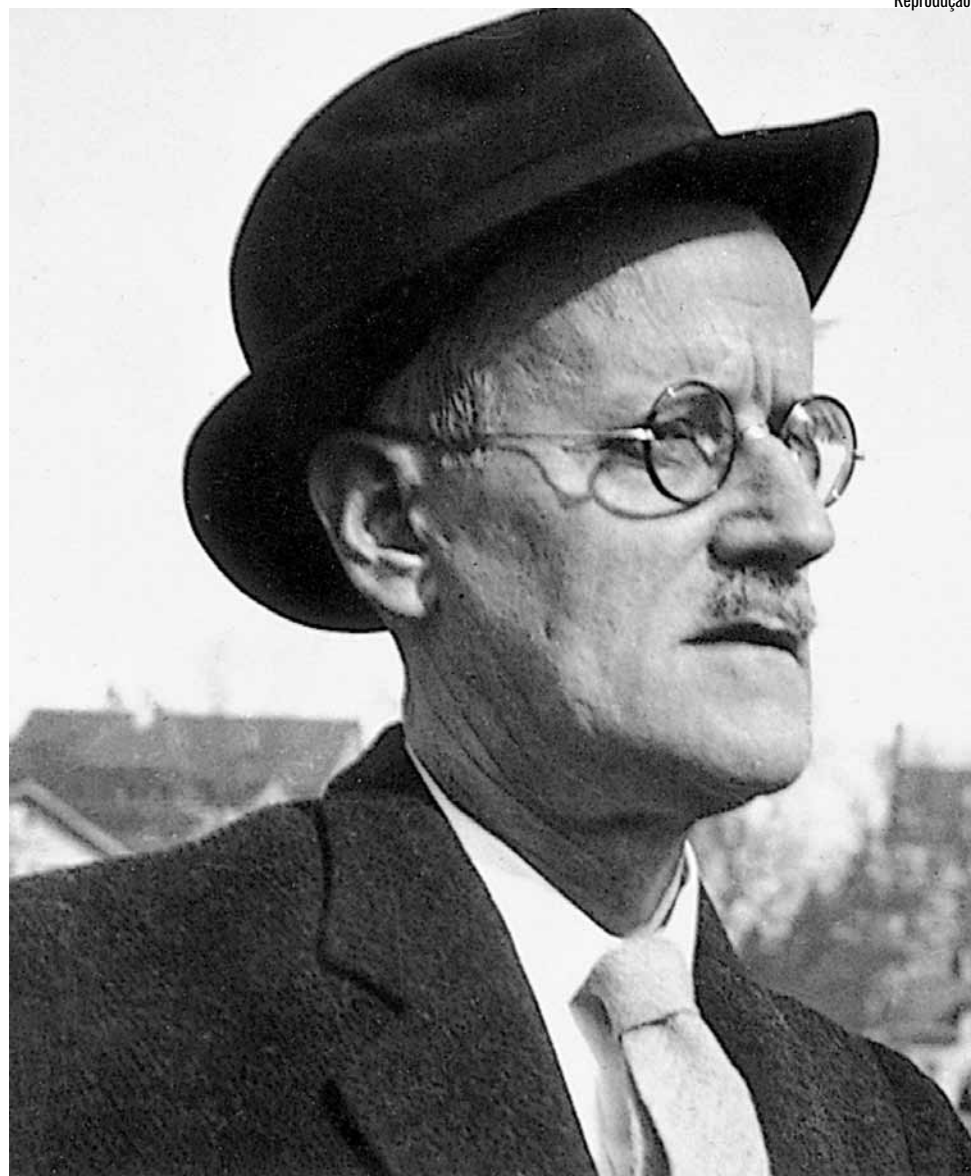
No mesmo passo, revoga-se a primazia da linguagem erudita, trocando-se a solenidade pela agilidade, mas sobretudo afasta-se do poema a joia das

coroas arcaicas — a rima — porque os versos passarão por cortes inesperados e sem metro. O verso livre não significa verso arbitrário, mas sujeito à medida da sensibilidade individual. Em suma, a poesia fragmentária é um decalque da existência em fragmentos e sua inclinação para as desilusões teológicas. A poesia moderna nos oferece os primeiros momentos da transcendência vazia, da ausência de Deus, e a paisagem que nos resta não é propriamente um jardim das delícias. É angústia, incerteza, insegurança ontológica, despersonalização — a matéria prima das obras de Rilke, Eliot, Apollinaire, Pound, Mallarmé, Trakl, Lorca, Fernando Pessoa. O que, senão a fragmentação, poderia representar esses mestres cantores da negatividade?

OUTRAS MÍDIAS

Atualmente a fragmentação é uma técnica narrativa ou poética que perpassa as mídias, a literatura, as artes, sendo hoje menos uma saída revolucionária na estética, como foi para o Modernismo, ao romper a linearidade do discurso exigida pela razão, do que um hábito, um macete de composição de amplo domínio público. No entretenimento, em especial na televisão, seu principal papel é a economia de custos e a valorização do tempo, que é o que o veículo vende. Um ou dois anos depois de 1989, quando teve fim a União Soviética, os locutores de rádio e televisão da Rússia foram obrigados a dobrar sua velocidade de locução. Isso tornou as notícias mais compactas e mais caras. Não é de graça que o videoclipe, com seus cortes ultra rápidos, se tornou uma constante na programação para jovens. Em grande parte, portanto, a fragmentação hoje está aliada à velocidade, que é o vetor soberano do capital.

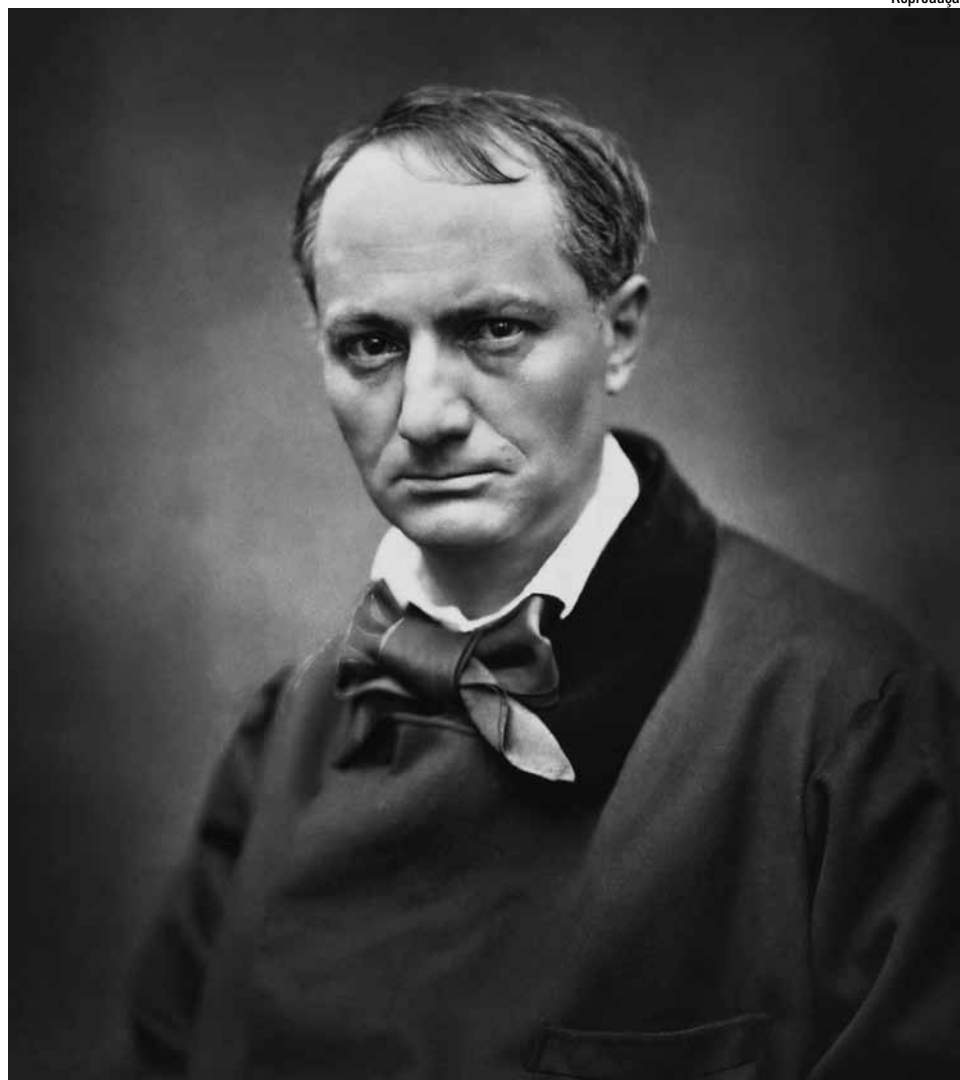
Reprodução



James Joyce, cuja obra é marcada pela fragmentação, com especial destaque para os romances *Ulysses* e *Finnegans wake*.

“A era do livro, da cultura letrada, infelizmente está chegando ao fim. A velocidade imposta pelos computadores, um dos aceleradores do retorno do capital, aparentemente é incompatível com a reflexão, a contemplação. O mundo atual é pura efetuação.”

Reprodução



Charles Baudelaire, autor de *As flores do mal*, segundo Jair Ferreira, é um poeta que retratou a condição existencial do ser humano por meio da fragmentação.

O LIVRO NO MUNDO DIGITAL

Desconheço assunto mais chato do que as maravilhas do mundo virtual, a internet e Steve Jobs. Mas a era do livro, da cultura letrada, infelizmente está chegando ao fim. A velocidade imposta pelos computadores, um dos aceleradores do retorno do capital, aparentemente é incompatível com a reflexão, a contemplação. O mundo atual é pura efetuação, pura ação comunicacional, pouco importa o conteúdo, e isto é a apoteose da razão instrumental: os fatos da tecnologia dispensam o sentido. Imagino que uma nova cultura vá surgir com novas formas de produção e consumo literários, mas dificilmente elas terão o mesmo prestígio alcançado pelo livro, que realizou todo o trabalho do Iluminismo. A fragmentação hoje é em escala individual, os indivíduos estão sós com seus tablets, seus PCs, seus egos que são uma colagem de grifes, mas dispõem dos primeiros socorros das coletividades virtuais que são as redes. Tudo está sendo reescrito no código digital, a língua do capitalismo triunfante.

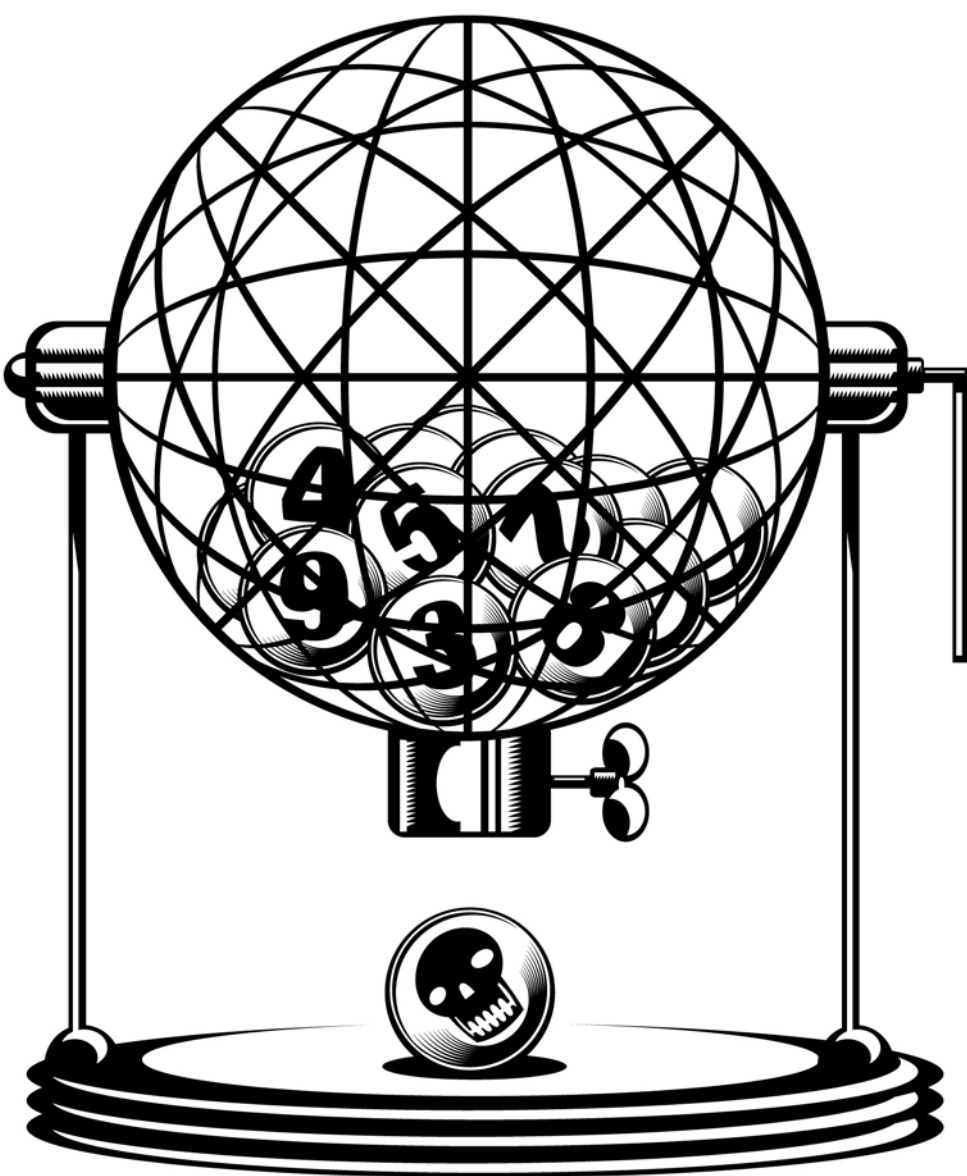
FORMAÇÃO E INFLUÊNCIAS

Como muita gente da minha geração, minhas origens intelectuais mesclam marxismo e existencialismo. Eu me bato por uma literatura que seja radicalmente interpretação original da experiência humana. Os estudos de comunicação não modificaram em profundidade essa base, mas acrescentaram a ela um olhar diferente, capaz de pinçar elementos e formatos surpreendentes para o drama individual aqui e ali. É assim que meu último livro de contos, *Cybersenzala*, focaliza uma série de conflitos com viés pós-moderno na paisagem urbana. A obesa que rouba um bebê e sua luta contra os estereótipos midiáticos, a

influência do cinema na ideologia do *glamour* dos ricos nas cidades do interior nos anos 1960, a presunção de superioridade em contraste com a precariedade do trabalho entre os operadores do mercado financeiro, os serviços funerários descritos num site com a linguagem do entretenimento, e a paixão de um advogado por Kafka na juventude, que o leva a escolhas absurdas. Cada uma dessas narrativas se movimenta em torno de uma mídia — a publicidade, o cinema, o computador, a internet, o livro. Certamente muito do que eu li sobre os meus temas vazou para o texto. O resumo disso é: antigamente a realidade ditava a informação, agora a informação edita a realidade.

PRÓXIMO PROJETO

No momento eu trabalho num romance, do qual publiquei, em 2013, uma sequência na revista *Helena* (publicação da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, editada pela mesma equipe do **Cândido**). A ação se passa numa cidade interiorana do norte do Paraná. Há um drama existencial envolvendo os principais personagens, mas o contexto é um elemento importante, porque eu tento falar das transformações socioculturais que modificaram sensivelmente aquela como outras regiões do país nos últimos anos. Por exemplo, os alunos do Cefet de Cornélio Procopio produzem games. A caipiragem pode subsistir conforme a faixa social, mas os caipiras estão acabando. A culinária das festinhas mudou. Volta e meia cita-se a TV a cabo. O acanhamento, a desconfiância, a “inferioridade” do provinciano estão desaparecendo de modo acelerado. Depois desse livro, eu gostaria de me dedicar à poesia, esteja ela ou não por aqui. Vamos ver, vamos tentar. ■



QUERMESSE

Os suicidas reuniram-se para o grande sorteio, e foi surpresa para os organizadores que a barraca estivesse tão cheia, tão ruidosa naquela noite, pois era a primeira e última vez que um encontro dessa natureza se realizava, mantido num irônico e tumular segredo, como diziam entre si, rindo em juramento, os dedos cruzados nos lábios, porque *em boca fechada não entra beronha*, ameaçavam, sob pena de que um raio caísse na cabeça do eventual linguarudo, antecipando para ele, de modo vulgar e oposto ao que sonhara, o desejado final dos tempos, por isso se assustaram com aquela afluência injustificada, o evento era sigiloso, poxa vida, quase restrito, não ocorresse obrigatoriamente em praça pública, mas sem os regulares anúncios em carro de som, sem cartazes, sem peças publicitárias no rádio, nada, nada, nem mesmo os operários, contratados para a montagem da estrutura que sustentava a lona, faziam ideia do teor daquele festejo, fato que, com razão, portanto, deixou bastante

apreensivos os festeiros, desconfiados uns dos outros, temerosos de que algum deles pudesse ter dado sem querer com a língua nos dentes, experimentando de antemão o gosto do próprio sangue e, arrependido talvez do sabor intragável de si, tivesse espalhado, à boca pequena, a verdade do prêmio desse raro sorteio, amparando-se numa probabilidade que diminuísse a chance de todos, entre os quais ele desgraçadamente se misturara, então, por isso, enquanto as cartelas da tómbola eram distribuídas, os patronos da quermesse demonstravam uma exagerada preocupação com a quantidade de pessoas, supondo o número de bilhetes insuficiente, o que por certo excluiria da disputa boa parte deles, ocasião em que o mais suspeito opinou, pressuroso, mas não muito, para não confessar com a solicitude forçada aquilo que a sua sugestão deveria desmentir, que havia a possibilidade de conseguirem mais cartelas na papelaria da anailúcia, que morava ao lado da lojinha 7, ali perto, comprometendo-se inclusive a



ir pessoalmente buscá-las, ora, ora, ora, tal observação gerou algum desconforto, posto que um ou outro desocupado aventou a hipótese de que aquilo não passasse de estratégia barato para cair fora, isso sim, deixando todos na mão sem tumbola dessa vida, ou quase todos, como se disse, *e justamente os festeiros, caramba!*, que ficariam impossibilitados de beliscar, na própria pele, o resultado maior daquele sorteio único, bem, nada disso aconteceu, ele foi à lojinha 7, encheu o saco da proprietária e, mais ainda, de seu marido, um sujeito estranhão que levantou a porta do estabelecimento resmungando alto, para que o cliente desorado ouvisse, pagou, conferiu o troco e voltou com as cartelas, garantindo a participação dos organizadores, sem exceção, pronto, era só começar, o povaréu aguardando ansiosamente, todos os suicidas da cidade ali reunidos, alguns de cidades vizinhas, até, esperando ganhar de mãos beijadas e cruzadas o grande prêmio que viria em boa hora, como pilheriavam os mais desembaraçados, **dois patinhos na lagoa, 22**, foi assim que o locutor conseguiu silêncio absoluto, cantando pedra após pedra o caminho sobre as águas que levaria apenas um sortudo para o fundo, **cartela cheia, hein!, só vale cartela cheia**, anunciava, até que se deu o imprevisto, quando um sujeito corpulento, no meio da barraca, gritou, como de costume, **a boa!, a boa!**, o que ensejou uma discussão violenta, **a cartela é minha, seu filho da puta!, ele roubou a cartela!, eu?, a cartela é minha, seu sem-vergonha!**, confusão que paralisou o sorteio, desviando os olhares para a briga de dois homens que começavam a trocar sopapos e cadeiradas por conta de um cartão quase premiado, tem cabimento?,

mas não foi esse o imprevisto, não, não, há quem diga que os brigões mancomunados com o locutor e tradicional leiloeiro da região, pode ser, porque ele desapareceu da barraca sem que ninguém percebesse, aproveitando-se da balbúrdia e levando consigo o grande prêmio, para espanto e decepção de todos, que voltaram para casa de mãos abanando, como sempre, desde que saíram do lar para ganhar a vida, coitados, e tudo por causa de um ladrãozinho safado, sim, a polícia iniciou as buscas naquela noite, mesmo, em vão, é verdade, mas muitos ainda acreditam que as diligências da lei trarão de volta o grande prêmio, recuperado e quase intacto, *a esperança não é a última que morre?*, *cor de varejeira ela tem...*, debocham aqueles mesmos vadios, para desespero com remédio dos suicidas, e eles têm razão, porque o delegado hoje mesmo se pronunciou receoso de que seja tarde demais, e de que o facínora, a estas horas, possa estar morto, mortinho da silva, indigente sem nome usufruindo o grande prêmio em algum lugar para sempre ignorado. ■



 **Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira** nasceu em Mococa (SP).

Estudou na USP, onde se graduou em Letras e ingressou na pós-graduação. Na década de 1990, abandonou a academia e foi morar em Arceburgo (MG), onde vive. Publicou o livro *peixe e mingua*, poemas, e outros textos em diversos jornais e revistas. Em 2012 publicou seu primeiro romance, *as visitas que hoje estamos*. Vários veículos e críticos literários, a partir de então, têm apontado o escritor como um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea. Em novembro último estreou na literatura infantil com o livro *O Amor pega feito um bocejo*. O fragmento publicado nesta edição faz parte de um romance inédito, ainda sem previsão para o lançamento.

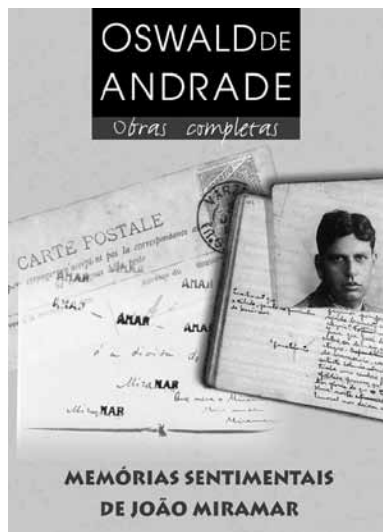
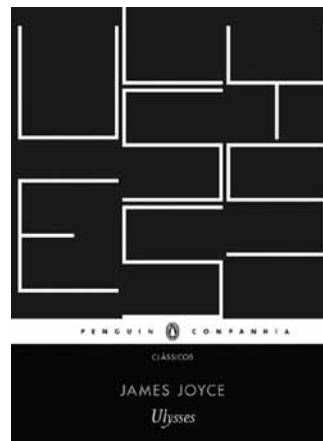
Ilustração: **Samuel Casal**

ESPECIAL | FRAGMENTAÇÃO LITERÁRIA

PRATELEIRA

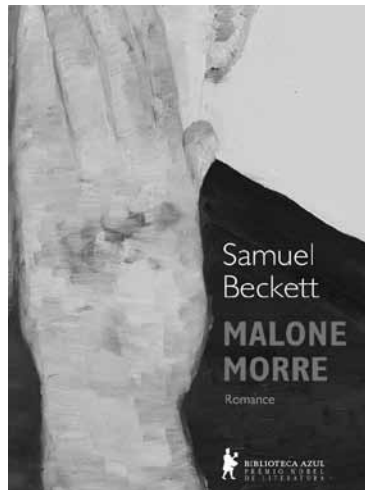
Ulysses, de James Joyce

Em *Ulysses*, coube de tudo um pouco: da poesia ao teatro, da linguagem oral à letra de música, James Joyce recorre a uma miríada de referências culturais para compor seu principal romance, que até hoje é considerado um marco da literatura mundial, tão importante quanto livros fundadores como *Dom Quixote*. A pujança de vozes e esquemas narrativos contrasta com a ação do romance, que conta os passos de Leopold Bloom ao longo de 16 de junho de 1904. Bloom é retratado em afazeres prosaicos. Ele acorda, leva café para a mulher, Molly, vai ao açougue, encontra os amigos e segue para um velório e depois para um bordel. O que torna o livro especialmente revolucionário, é forma com que Joyce transforma uma rotina aparentemente enfadonha em um universo simbólico, palco para reflexões filosóficas, debates religiosos e de consciência.



Memórias sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade

Há indícios de que Oswald de Andrade tenha começado a escrever *Miramar* logo após uma de suas viagens à Europa, em 1912. Mas a primeira aparição do que viria a ser o livro se dá dois anos mais tarde, em 1914, no jornal *A Cigarra*. A partir daí vários capítulos do romance, formado por 163 fragmentos que compõem a vida do personagem-título, aparecerão em jornais e revistas de pequena circulação de São Paulo, onde apenas um círculo restrito de intelectuais tem acesso. Finalmente publicado em 1924, o livro traz capítulos que funcionam como retalhos do passado do narrador, cuja memória é acionada de forma fragmentada. João Miramar pertence a uma rica família burguesa. Sua infância é marcada pela morte do pai. Miramar estuda em bons colégios de São Paulo e, depois de se formar, parte para uma longa viagem de conhecimento e amadurecimento, passando por Tenerife, França, Alemanha, Itália, Suíça e Inglaterra. Inserido no projeto modernista, o romance desconstruiu as bases da forma tradicional da narrativa de ficção, o que lhe valeu comparações com *Ulysses*, de James Joyce.

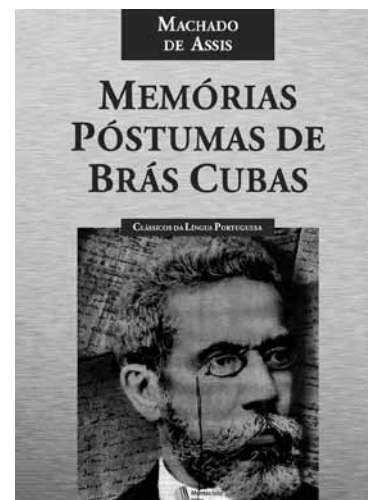


Malone Morre, de Samuel Beckett

Segundo volume da “Trilogia do Pós-guerra” que o escritor e dramaturgo irlandês publicou entre na primeira metade dos anos 1950 — composta ainda por *Molloy* e *O inominável* —, *Malone morre* antecipa questões que estariam no teatro de Beckett, em que reflete sobre a paulatina perda de identidade do ser humano frente um mundo fragmentado, onde a própria linguagem é colocada em xeque. Assim como em sua peça mais famosa, *Esperando Godot*, em *Malone morre* o personagem-título é uma figura misteriosa, cuja consciência é sincopada e fragmentária. Idoso, Malone está em um quarto, não sabe bem como e nem por que chegou ali, lembra-se vagamente de sua própria vida e tem apenas uma certeza, a de que vai morrer. Enquanto espera, protela este único acontecimento contando as histórias “nem bonitas nem feias” das famílias Saposcat e Louis, de Macmann e Moll. A primeira aparição do romance no Brasil se deu com uma tradução do poeta Paulo Leminski, publicada pela editora Brasiliense nos anos 1980.

Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

Especialistas apontam *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicado inicialmente em formato de folhetim em 1880, editado em livro em 1881, como um marco na literatura brasileira — é a passagem da fase romântica para a etapa realista. O romance tem qualidades, a começar pela quebra de linearidade. O narrador, Brás Cubas, já falecido durante a narração, vai de um assunto para outro em poucas linhas. E nisso está a novidade do livro. Mais do que a dissolução de começo, meio e fim, esta obra é formada por capítulos breves — fragmentados — nos quais aparecem, e desaparecem, em alternância, temas como casamento, relações nada pacíficas entre diferentes classes sociais, escravidão, política, perda da razão, entre outras questões. E, além de tudo, tem o texto com ironia e humor por meio do qual Machado de Assis, usando a voz de Brás Cubas, conseguiu elaborar um dos finais mais marcantes da ficção realizada no Brasil: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”



Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato

O escritor mineiro radicado em São Paulo começou a imprimir o nome na história da literatura brasileira com *Eles eram muitos cavalos*, publicado em 2001. Luiz Ruffato apresenta um painel recortado da Paulicéia Desvairada por meio de personagens que, não fosse o seu olhar, estariam fora da cartografia literária. São os zê-ninguêns, trabalhadores anônimos mal remunerados, excluídos por exemplo das colunas sociais, mas os motores da metrópole. “Vêm os três, em fila, pela trilha esticada à margem da rodovia. A escuridão dissolve seus corpos, entrevistados na escassa luz dos faróis dos caminhões, dos ônibus e dos carros que advinha a madrugada” — eis um fragmento do livro que conquistou o prêmio Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) e o Prêmio Machado de Assis de melhor romance de 2001 e se tornou referência. A fragmentação está presente em quase toda a obra de Ruffato, considerado um dos mais importantes escritores brasileiros — além dos livros que escreve, assina uma coluna na edição brasileira do jornal *El País*.

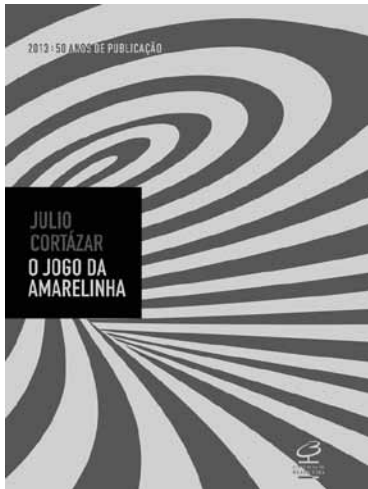




ESPECIAL | FRAGMENTAÇÃO LITERÁRIA

Matteo perdeu o emprego, de Gonçalo M. Tavares

Romance do renomado escritor angolano, publicado em 2013 no Brasil, *Matteo perdeu o emprego* tem 26 fragmentos na primeira parte — cada fragmento é um capítulo a respeito de um personagem — alguns deles se encontram durante a narrativa nonsense. O primeiro capítulo traz Aaronson que, em algumas linhas, será apresentado ao leitor antes de morrer. Ainda no primeiro capítulo, o narrador insere Ashley, que mata Aaronson, e que terá destaque no próximo fragmento: “Aaronson ainda deu cinco voltas completas à rotunda, mas na seguinte o automóvel guiado pelo Sr. Ashley bateu a grande velocidade no seu corpo, projetando-o, já sem vida, para o centro da rotunda. Não fosse o corpo humano ser tão pouco regular, Aaronson teria caído (ou a sua cabeça) no exato centro da rotunda.” Já a segunda parte do livro, as “Notas sobre Matteo perdeu o emprego”, é um ensaio no qual o autor comenta a própria narrativa, inclusive a decisão de apresentar os personagens, e os capítulos-fragmentos, em ordem alfabética.



O jogo da amarelinha, de Julio Cortázar

Esta longa narrativa, publicada em 1963 na Argentina, pode ser lida de várias maneiras. Por exemplo, do jeito convencional, linearmente. Ou a partir do capítulo 73, seguindo para o primeiro capítulo, depois para o segundo e, então, acompanhando algumas recomendações sugeridas por Julio Cortázar. O livro é um quebra-cabeças — também vale seguir pelas páginas aleatoriamente. Além da estrutura, fragmentada por excelência, há elementos da cultura de massas — é possível encontrar no texto ecos de novelas de rádio, música popular, história em quadrinhos, além de gírias, deslocamento de foco narrativo etc. Tudo isso, e bem mais, formando um polifonia bem resolvida. Em entrevista, o escritor explicou o motivo de elaborar a obra pouco convencional: “Desde pequeno, minha relação com as palavras, com a escritura não se diferencia de minha relação com o mundo em geral. Eu pareço ter nascido para não aceitar as coisas tal como me são dadas.” E, é preciso salientar, o texto ganha ainda mais força devido ao humor, presente nas linhas e entrelinhas deste marco literário.

Viagem à roda do meu quarto, de Xavier de Maistre

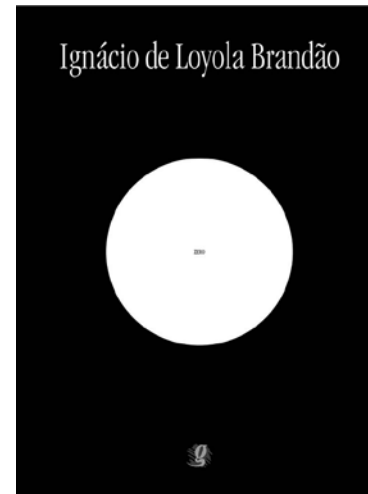
Publicado em 1794, *Viagem à roda do meu quarto* é um livro inspirado e inspirador. O romance fragmentado foi uma das obras que impulsionou Machado de Assis a escrever *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A ideia de Xavier de Maistre (1763-1854) é, realmente, notável. Ao invés de elaborar, por exemplo, um romance a respeito de viagem, ele criou um personagem que “viaja” pelo interior de quarto: “Eu empreendi e executei uma viagem de quarenta e dois dias à roda do meu quarto. As observações interessante que fiz e o prazer contínuo que experimentei ao longo do caminho davam-me o desejo de torná-la pública; a certeza de ser útil me convenceu a fazê-lo.” Em contraponto aos relatos de viagens, nos quais o leitor se depara com descrições de cenários, muitos deles surpreendentes, e ações ousadas, em *Viagem à roda do meu quarto* quase não há “movimento” — a narração, irônica, dialoga com tudo o que personagem teria diante de si dentro do quarto: “É um excelente móvel uma poltrona; é, sobretudo, de extrema utilidade para todo homem meditativo.”





Zero, de Ignácio de Loyola Brandão

Esta obra, de acordo com o autor, reflete a própria fragmentação do Brasil. *Zero* apareceu em 1974, por meio de uma edição publicada na Itália, durante os turbulentos anos do regime militar. A opção da linguagem ousada, sem começo, meio e fim delineados, entre outras convenções, foi uma opção consciente que Ignácio de Loyola Brandão encontrou para espelhar o país de então. Vale ressaltar, ainda levando em conta depoimentos do autor, que, em *Zero*, ele não estava experimentando, mas fazendo algo planejado, porém, pouco usual. “José mata ratos num cinema poeira. É um homem comum, 28 anos, que come, ri, chora, se diverte, se entristece, trepa, enxerga bem dos dois olhos, tem dos de cabeça de vez em quando, mas toma melhora, lê regularmente livros e jornais, vai ao cinema sempre, não usa relógio nem sapato de amarrar, é solteiro e manca um pouco, quando tem emoção forte, boa ou ruim.” Assim começa o livro que, em seguida, oferece aos leitores uma experiência estética única, surpreendente, inesquecível, fragmentada e difícil de ser resumida em poucas linhas.



Poesia pois é poesia, de Décio Pignatari

Na metade do século XX, Haroldo de Campos (1929-2003), Décio Pignatari (1927-2012) e Augusto de Campos (1931) protagonizaram um movimento que modificou a maneira de fazer poesia. Eles estavam à frente da chamada poesia concreta que, entre outras diretrizes, aboliu o uso do verso e valorizou a disposição das palavras na página do livro. O concretismo é fragmentário e um de seus legados mais importante é o livro *Poesia pois é poesia*, de Décio Pignatari. Trata-se de uma antologia que reúne a produção de cinco décadas do criador inquieto, natural de Jundiaí (SP), que se tornou conhecido em São Paulo e viveu alguns anos em Curitiba. A liberdade que a poesia concreta sugeriu, a partir da poemas pouco convencionais, teve e ainda tem recepção entusiasmada, mas os seus críticos não são poucos. Até Ferreira Gullar que, inicialmente, flertou com o concretismo, em um segundo momento rompeu com o grupo e se transformou em um detratores dos concretos — o que revela a importância do legado dos irmãos Campos e de Pignatari para a cultura brasileira.

ILHA DE NOSSA SENHORA FULANA DE TAL E OUTROS NOMES



A Ilha Antônio chamava-se assim em homenagem ao seu descobridor, mas mudou para Ilha da Se-reia porque uma lenda ganhou mais força que o descobridor.

O nome seguinte foi Ilha dos Papagaios Vadios, dado por um governador que, segundo os cronistas, gostava de gracejos, pois a ilha não tinha papagaios.

A Ilha dos Papagaios Vadios virou Ilha das Bateiras (na voz do povo, Ilha das Bateras), homenagem às embarcações dos pescadores que viviam nos rios de pouca água e não se sabe se de muito ou pouco peixe, mas pescadores que provavelmente tinham as simpatias do governador da época — a história de que um dos pescadores de bateira chegou a governador é chamada de lenda pela maioria dos cronistas.

O nome passou, por influência religiosa, para Ilha de Nossa Senhora das Fontes Murmurantes ou Ilha de Nossa Senhora dos Ventos Uivantes — os cronistas divergiam, dois deles chegaram a se bater em duelo, que terminou empatado, dois mortos.

Outro empate quando os defensores do nome Ilha de Nossa

Senhora das Fontes Murmurantes e Ilha de Nossa Senhora dos Ventos Uivantes chegaram a um acordo, e o novo nome foi Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal.

Durante a Grande Estiagem, também chamada de Big Estio, algumas vezes grafada como Big Stio, chamou-se Ilha dos Guarda-Chuvas Fechados, mas não em todos os documentos, numa parte deles continuou Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal por intransigência religiosa.

Alguém teve o cuidado de eliminar as referências ao nome Ilha do De Vez Em Quando, mas não conseguiu apagar todas, algumas escaparam, como aconteceu com os registros da Funerária Sempre, documentos disputadíssimos em leilões.

A guerra civil foi pródiga em mudanças de nome. Quando os do Norte estavam ganhando, mudou para Ilha do Norte Glorioso. Quando os do Sul estavam à frente, Ilha do Sul Vitorioso. Quando terminou a guerra civil, ela recebeu o nome Ilha da Grande Merda, mas nem todos os historiadores confirmam, alguns usam o nome sem a palavra Grande.

Quando os dez mandamentos viraram lei civil, com punições militares, a Ilha do Olho Que Tudo Vê teve grandes progressos econômicos, mas os pecadores ficaram de fora.

Ilha dos Furacões Bonzinhos não foi um nome muito correto, por isto trocado rapidamente para Ilha dos Furacões de Verdade, que também não agradou e acabou em Ilha da História Mal Contada.

Uma das fases religiosas resultou na Ilha do Convento das Emmas Descalças, tendo sido para isto construído um convento. Desde o início, a intenção era de um nome que não durasse muito, suposição a partir da escolha do local do convento, bem no caminho dos furacões.

Ilha das Metáforas foi o nome que menos tempo vigorou. Não durou uma semana. Piada de mau gosto, disseram uns. Piada infame, disseram outros. Nem como piada, disseram ainda outros. Mas não foi isto que liquidou o nome em tão pouco tempo. Houve uma emergência que obrigou a escolher um nome estratégico.

Na tentativa de invasão da ilha pelos taedos, foi chamada de Ilha dos



Jacarés. Dizia-se que os taedos tinham medo de jacarés. Como se sabe, não tinham, e a tentativa de invasão passou para a fase seguinte.

A reconstrução da ilha, após o desinteresse e a retirada dos taedos, durou quatro anos. Nos dois primeiros, continuou sendo Ilha dos Jacarés. Mudou para Ilha do Baile de Máscaras, nome que permaneceu até faltar um mês para terminar a reconstrução. Foi aí que ela passou a se chamar Ilha X, como é citada pelo mágico na sequência da chuva no filme Slothrop, de Percival Bartlebooth.

Quando a ilha deixou de ser encontrada pelos navegadores, chamava-se Ilha X. Permaneceu assim nos mapas até que deixou de ser encontrada também pelos geógrafos. O buraco no meio do oceano, visto até hoje no mapa exposto no Museu de Todas as Ilhas, em Alhures do Sul, está realmente no ponto exato onde a Ilha X existiu para alguns mapas. Mas a possibilidade do buraco ter sido feito por traças é muito grande.

Outras informações:

Moradores da ilha reclamavam da troca frequente de nome. Diziam que prejudicaria a população assim que

a ilha tivesse um serviço de correios. A história memorizou apenas os muitos nomes da ilha, nenhum nome de governador da ilha.

Os arqueólogos não encontraram qualquer indício de que a definição de ilha (uma porção de terra cercada de água por todos os lados) fosse conhecida.

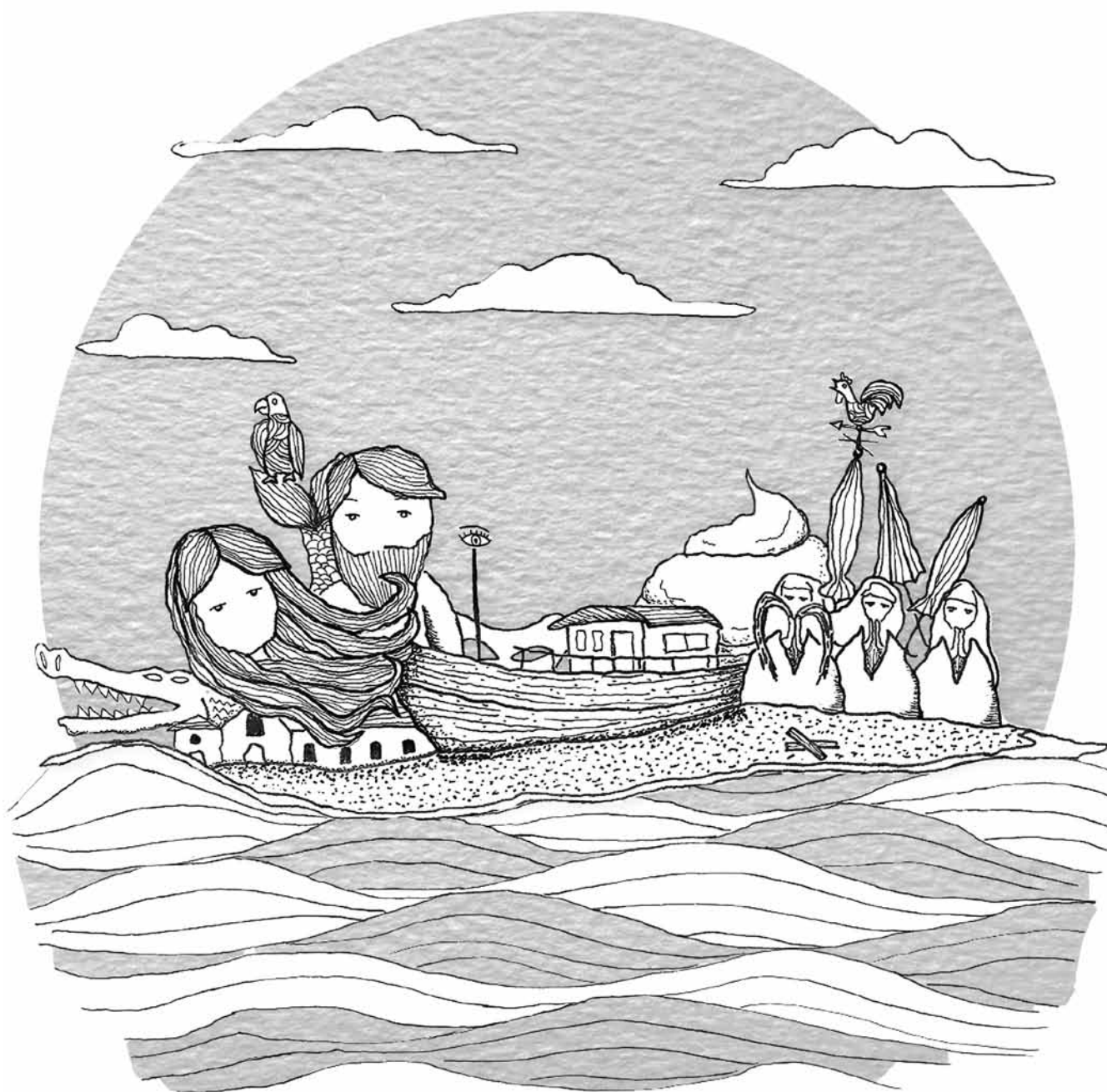
Um cronista da época sugeriu que em vez de nome a ilha tivesse números. Em algarismos romanos. Daí alguma confusão histórica com o último nome da ilha.

A frequente troca de nome causava atritos. Em qualquer encontro de meia dúzia de pessoas havia divergência sobre qual era o nome atual da ilha.

A guerra civil começou numa reunião familiar para comemorar um batizado.

Nunca houve repetição de nome. Pelo menos ninguém reparou.

O título deste relato optou por um dos nomes da ilha. Poderia ter sido outro. É que alguns ficavam muito longos, outros muito curtos. Este ficou de bom tamanho. ■





CONTO | MANOEL CARLOS KARAM

SCHOENBERG,
BERG E
WEBERN

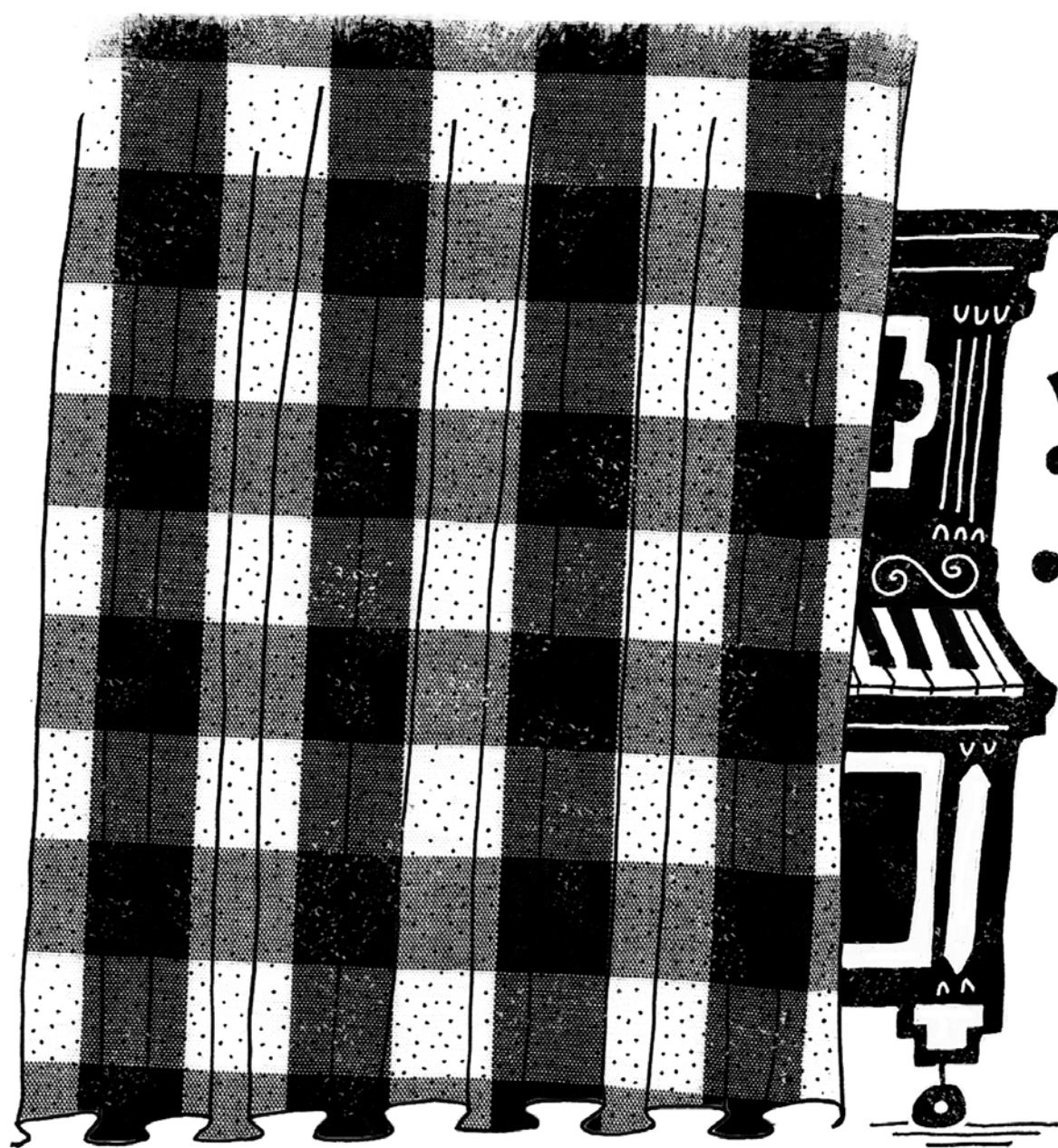
Nós nos mudamos para Alhures do Sul no verão de 77, vivemos lá até o outono de 83. Foi depois de Relva e antes de Tartiiba. Meu pai, minha mãe, minhas duas irmãs. Meu pai trabalhava numa empresa instalando filiais. Filial instalada, mudança de cidade. Alhures do Sul depois de Relva e antes de Tartiiba. Não tenho recordações de Relva e Tartiiba. Tenho de Alhures do Sul. Com tantas mudanças, nós costumávamos descobrir que uma ou outra questão, quando contada, estava trocada de cidade. Por isso não tenho completa certeza da falta de recordações de Relva e Tartiiba. Mas não tenho dúvida sobre a música do piano em Alhures do Sul. Ouvíamos a música do piano do vizinho, demoramos até perceber o que estava acontecendo. O piano do vizinho tocava muitas horas por dia, foi o que pensamos. Erramos, o piano tocava ininterruptamente. Fizemos um revezamento para conferir, o piano do vizinho tocava vinte e quatro horas todos os dias. Uns dois ou três segundos de silêncio entre uma peça e outra. Sabíamos que era piano e não disco porque eu e minhas irmãs espíamos pela janela do vizinho. A cerca que separava os quintais era baixa. A janela da casa dele tinha cortina, mas sempre ficava uma fresta. Ele tocava sentado de costas para a janela, podíamos espiar o pianista. Era como se ele estivesse num palco, a cortina da boca do palco com uma pequena abertura. O pianista dando as costas ao público, não por desaforo, mas pelo hábito de quem já foi maestro, explicou a minha mãe. Ela explicou quando viu por uma fresta da cortina do quarto da nossa casa eu e as minhas irmãs pulando a cerca de volta após um concerto na casa do vizinho. Ela por primeiro brigou conosco, por segundo perguntou o que nós vimos e por terceiro explicou do maestro que fica de costas

para a platéia. Por último a minha irmã mais nova disse que queria ser pianista. Ela sempre dizia que ia crescer e ser da padaria. Acho que foi ainda antes de Relva quando ela disse ser da padaria. Meu pai achou engraçado quando a minha irmã disse ser da padaria. Minha irmã mais nova chorou. Ninguém riu quando ela disse que queria ser pianista porque o meu pai, o que mais ria lá em casa, estava no trabalho, instalando a filial de Alhures do Sul. Minha mãe ouvia o piano o dia inteiro, eu e minhas irmãs só de tarde, tínhamos escola de manhã, meu pai na hora do almoço e de noite, e nós todos a madrugada inteira. Às vezes eu me virava na cama, ouvia um pedacinho de música e dormia novamente. Espiamos uma vez pela janela de madrugada, meu pai autorizou, queríamos saber se o vizinho tocava piano dia e noite sem parar como parecia, mas impossível que fosse assim. Queríamos saber como era. Foi de madrugada que descobrimos a mulher tocando piano. Percebemos nas visitas seguintes que o casal se revezava para manter o piano ininterruptamente em concerto, como disse um dia o filho do contador. Meu pai disse que o filho do contador da filial estudava música, tocava piano e, mesmo muito jovem, já tinha dado concerto. Ele era dois anos mais velho que eu, mas naquele momento não me passou pela cabeça que meu pai estivesse sugerindo que eu deveria fazer alguma coisa que ele pudesse contar, como o contador da filial contava. Convidamos o filho do contador para ouvir o piano do vizinho. Um conhecedor de música esclareceria o que estava acontecendo. Schoenberg, Berg e Webern. Foi o que ele disse que estava acontecendo. O piano do vizinho repetia peças, explicou. A Suíte de Schoenberg (opus 25) ele tocou três vezes. O músico retornou nos dias seguintes, o piano do vizinho

continuava tocando Schoenberg, Berg e Webern. De manhã, de tarde, de noite, a Sonata de Berg (opus 1). O filho do contador dormiu lá em casa algumas noites. Acordava de madrugada para ouvir o piano, muito repetidas também as Variações de Webern (opus 27). Foi em Alhures do Sul, depois de Relva e antes de Tartiiba. Perdemos a conta do piano do vizinho, daqueles muitos dias de música sem parar. Um piano era algo tão distante de nós que tivemos medo dele. Eu via no rosto do meu pai e da

minha mãe que havia alguma forma de susto, um receio que talvez tenha sido a causa de nunca fazer amizade com os vizinhos. O que vinha a calhar, sempre preferimos não nos envolver com a vizinhança porque logo estaríamos de mudança. Quando viajamos para Tartiiba, no dia em que desocupamos a casa, o piano continuava tocando. A minha irmã mais nova aprendeu com o filho do contador a identificar a música. Naquele nosso último momento em Alhures do Sul, o piano na casa vizinha, nas

mãos do vizinho ou da vizinha, não sabíamos, o piano fechava o concerto para nós com Schoenberg, seis pequenas peças para piano (opus 19). O nosso último dia nos fez recordar o primeiro do vizinho. Nós nos lembrávamos claramente de quando chegou a mudança do vizinho. Ninguém deixa de olhar para a mudança que tem um piano. Mas só o piano estava na nossa lembrança. Não tinha jeito de recordar como era a cara do vizinho e da vizinha, muito menos se havia alguma criança. ■



 **Manoel Carlos Karam** nasceu em Rio do Sul (SC), em 1947, e faleceu em Curitiba, em 2007, cidade em que viveu a partir de 1966. Escritor, dramaturgo e jornalista, publicou *Fontes murmurantes* (1985), *O impostor no baile de máscaras* (1992), *Cebola* (1997), *Comendo bolacha maria no dia de são nunca* (1999), *Pescoço ladeado por parafusos* (2001), *Encrência* (2002), *Sujeito oculto* (2004) e *Jornal da guerra contra os taedos* (póstumo, 2008).



Refúgio na ficção

Criada entre poetisas, a vocalista da Banda Mais Bonita da Cidade revela que gosta mesmo é de ler contos, especialmente os de J.D. Salinger e Miranda July

OMAR GODOY

Os habitantes de Paranavaí, no noroeste paranaense, costumam dizer que moram na “Cidade Poesia”. O apelido surgiu na década de 1960, com a criação e consolidação de um festival anual que até hoje mexe com a cena cultural do município. Presstes a realizar sua 50ª edição, o Femup (Festival de Música e Poesia de Paranavaí) já formou pelo menos quatro gerações de cantores, músicos e escritores. Uma das “crias” desse ambiente é a paranavaense mais famosa do Brasil nos dias de hoje: Uyara Torrente, 28 anos, vocalista da Banda Mais Bonita da Cidade (do hit “Oração”).

Uyara, que já participou do Femup e foi premiada, é filha de Dorival Torrente, um dos principais agitadores culturais da cidade. Conhecido por sua atuação no Gralha Azul (conjunto musical que resgata temas e sonoridades

paranaenses) e no Teatro Estudantil de Paranavaí (grupo na ativa há mais de 30 anos), ele também é lembrado pela habilidade na declamação de poemas — uma tradição local. “Meu pai consegue ficar uma hora declamando sem parar. E sabe tudo de cor. Lembro dele recitando textos longuíssimos do Patativa do Assaré”, diz a atriz e cantora, radicada em Curitiba desde o ingresso no curso de Artes Cênicas da Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

Ela conta que, além de ouvir poemas em casa, vivia rodeada de livros. A maioria, como se pode imaginar, de poesia. “Tínhamos as obras completas do Vinicius, do Drummond, do Manoel de Barros... Mas só me dei conta da quantidade de livro que a gente tinha quando fomos assaltados uma vez. Os ladrões invadiram a casa quando não estávamos e bagunçaram tudo. Quando



chegamos, a primeira coisa que me chamou a atenção foi aquele monte de livro jogado no chão”, lembra.

Uyara, no entanto, não é “fissurada” em poesia, como ela mesma diz. Admira os autores clássicos citados acima e contemporâneos como Fabrício Noronha, Pedro Rocha, Luiz Felipe Leprevost e Vitor Paiva (seu ex-namorado), mas gosta mesmo é de ler ficção. E, de preferência, contos. Tem dois escritores de cabecera, ambos norte-americanos: J.D. Salinger e Miranda July. “O que me atrai no Salinger é a maneira como ele entrelaça os personagens em todos os livros. A obra dele é toda costurada, e eu fico imaginando como seria se cada personagem daquela família tivesse seu próprio livro.”

A paixão por July (também cineasta, atriz e artista visual) é mais intensa. “Ela mudou a minha vida. Um livro como *É claro que você sabe do que estou falando* consegue despertar sensações que vão do grotesco ao sublime”, afirma. Para Uyara, o mundo anda “acelerado, doido, duro”, e as pessoas deixaram de se entregar. Nesse sentido, a obra da autora americana representa uma espécie de “resgate do afeto”. “As personagens dela estão sempre tentando se conectar com coisas concretas, estão sempre tentando encontrar um chão. Mesmo se for por caminhos estranhos, bizarros.”

Não à toa, o “afeto” é um dos temas centrais do ideário da Banda Mais Bonita e de toda uma geração de artistas

que está deixando sua marca na cultura de Curitiba. “Éramos só um grupo de amigos da FAP, a maioria vinda do interior, de cidades quentes, onde se anda à vontade, descalço, com pouca roupa. Só fui saber que isso era coisa de bicho grilo quando cheguei aqui na capital”, conta. “Ser maldito, rock and roll, ‘pau na mesa’ também é legal. Mas a gente não era assim, sentia falta das coisas mais ‘ensoladas’ da vida, de um respiro. Se abraçar um amigo no Torto (bar do centro da cidade que virou ponto de encontro dessa turma) ou usar flor no cabelo é coisa de *hippie*, de fofo, então eu sou tudo isso com orgulho”, completa.

Mas nem só de sol vive a artista, que também desenvolve um trabalho como atriz com a “sombria” Companhia Vigor Mortis — cujos filmes e espetáculos teatrais combinam humor negro, terror e referências *trash*. Depois de atuar no longa-metragem *Nervo craniano zero*, ela agora ensaia para o próximo espetáculo do grupo, *Lobos nas paredes* (um musical infantil, porém inspirado no universo *dark* do britânico Neil Gaiman, autor de *Sandman* e *Coraline*). “Viu como eu não sou só uma menina de vestido florido?”, brinca Uyara, que neste ano ainda está envolvida no lançamento de um DVD ao vivo da Banda Mais Bonita e na gravação do terceiro álbum do grupo (fora a agenda de shows).

Em meio a tantos compromissos, Uyara tem encontrado refúgio nos livros do japonês Haruki Murakami. Terminou

Minha querida Sputnik e agora se dedica a *Após o anoitecer*. “Ele cria situações malucas e surreais, mas ao mesmo tempo tão poéticas que você acaba ‘comprando’ aquela ideia.” Segundo ela, a descoberta de Murakami coincidiu com um momento de reaproximação com a

leitura. “Percebi que a *timeline* do Facebook estava tomando todo o meu tempo livre em casa. Me senti emburrecida, fiquei desesperada e decidi sair da rede por uns tempos. Só assim consegui voltar a ler com tranquilidade”, afirma. ■

Tainá Azeredo



“Ela [Miranda July] mudou a minha vida. Um livro como *É claro que você sabe do que estou falando* consegue despertar sensações que vão do grotesco ao sublime.”

comemorada em sisos e risos
eloquentes
disparados ao sol e ao sul — de mim..

REDENÇÕES

razãoáveis distâncias
 ferem-me os olhos
 avançadas nas sombras
 suínas e
 dóceis
 codificadas na mortífera
 sina cenáculo de azul
 poroso de paraísos
 patibulos puídos temerosos
 do poente — vai vem desses tempos —

como o vento balouçamos em aragens e/ou piragens
universais no universo prana ou convexo
— côncavos para os desafetos —
desfeitos em partículas
ardidos de medos e desejos
e... quase, estreitando silêncios e redenções.

CRASE

crase em formato de crise
no esteio de criaturas
criadas por nossas faces e gosto

entreolhares nessa penumbra
— uma luz de violeta e estilo —
vastos vestígios de poesia

cor e sombra nas rendas do dia.



PERCEPÇÕES

centésimos de percepção
aniquilam os cem mil ocasos de perdição...

qualquer lucidez será bem-vinda

entre os extratos medianos da ausência de loucura
é quase ternura a branda tarde entre alfinetes brancos
afivelados em sua brandura

nunca pergunte ou assunte o mar bravio em seu ultraje
que fardo árduo amofinado de recados — bardos
tardos almirantes aspirantes arquivados esperançados
fardos...

falência de sons e ainda saudáveis na cor rósea dessa tarde
minguados os aguados trocados
pertinências e valentias em seus alardes

rumino em meus anjos as alvas orações sem pecados
zerados aleatórios de muitos afagos os meus sinceros
e inusitados favores de escrita e lua

sei que as estrelas — essas explosões configuradas —
ainda brilham e sabem os contos e os recantos

no perfume de noites — secas — desse verão.



Jandira Zanchi é poeta e ficcionista,
autora de *Balão de ensaio* (2007), *Gume de
gueixa* (2013) e do livro virtual *A janela dos
ventos* (2012). Integra o conselho editorial
da *mallarmagens*, revista de poesia e arte
contemporânea. Vive em Curitiba (PR).



Ilustração: **Bianca Franco**

NOITE RUSSA





Único elogio que recebi da minha pronúncia de alemão foi de um russo. O Roman. Não só pelo nome, parecia o Polanski. Fisicamente lembrava o cineasta. Saímos do teatro conversando pela Treze de Maio. Fomos procurar um bar.

“Ei, Russo!”

Uma voz bêbada, do outro lado da rua. Sujeito corpulento, bermuda xadrez, camisa desabotoada. Contou que havia conhecido o Roman há pouco tempo. Eu tinha conhecido o russo uma hora atrás, depois de apresentar uma peça do Büchner, em alemão, no José Maria Santos.

“Se quiserem, podem ir na minha, beber e fumar.”

O apartamento ficava em um desses predinhos antigos do centro. Na sala, sentei num sofá bordô, todo furado de cigarro. O russo ficou numa banqueta bamba e o tal do Jurandir foi pegar três latinhas de Kaiser na geladeira. Desde que nos encontrou, não parava de falar. Os “erres” puxados do interior do Paraná.

“E sequestraram o primo dela na semana passada. Só não bate o cigarro no carpete, tudo bem? Se quiser, liga a tevê. Essa vizinha é uma lazarenta. Ei, Russo, e aquela morena?”

“O que ele está dizendo?”, Roman perguntou.

“Weiß nicht”, respondi, e continuei falando com o russo numa mistura de alemão estropiado com inglês ca-

penga. Quando eu falava um pouco de português, o russo também entendia. O sotaque do Jurandir, porém, era demais.

“Er sagte über eine frau, brunette girl, que você estava...”, expliquei.

“Dah!”, respondeu o russo em russo, dando risada e sacudindo os braços.

“Malandro!”, disse Jurandir, buscando mais uma latinha. “Ei, Russo, vou te contar: esse povo curitibano é uma merda, hein?”

Ao voltar, Jurandir me perguntou: “Curitibano?”

“Parnanguara.”

“Uma latinha pra você. Então, Russo: reparou que curitibano é uma merda?”

“O quê?”

Jurandir continuou: “Vivi em tudo quanto é lugar. Bahia, Mato Grosso, Espírito Santo, Rio Grande do Sul”.

Sua família criava gado em Rondônia. Irmãos espalhados pelo país. A maioria trabalhava com pecuária. Ele vendia roupas íntimas femininas.

“Uma coisa é certa: não há raça pior do que carioca. Pra pegar amizade é instantâneo. Depois enchem o saco. Abusam. Uns folgados!”

“O quê?”

“Pessoal da Bahia, quando dizem que são preguiçosos, não é brincadeira. Vendi calcinhas por lá uma época e... Porra, Russo!” Roman derrubou no carpete a maconha recém-acesa por Jurandir. Aproveitei a pausa para traduzir um pouco.

“He lived in Bahia and die Leute sind wirklich Müßiggänger. You know? Vadiagem.”

“Eu jogar capoeira da Bahia. Fazendo aulas.”

“Os paulistas gostam de trabalhar. Mas não gosto deles. Convencidos. Como os gaúchos. Se acham donos do pedaço. Tudo veado. Passa a bola, Russo! Mas são cultos, hein? Porto Alegre é a cidade que mais lê livros nesse país.”

“Tenho amigos gaúchos. Letrados.”

“Letrados?” Dessa vez o russo não me entendeu.

“Leem bastante, os gaúchos.”

“Que nem na Rússia, né?”, disse Jurandir.

“O quê?”

Repeti a frase de Jurandir e Roman entendeu.

“Russo tá chapado! Olha a cara dele.”

“Que autores você gosta, Roman? Russian Schriftsteller?”

“Sorokin. Romanov. Vários!”, disse, soltando uma baforada.

“Pois é, mas a raça mais filha da puta é a dos mineiros. Desconfiados, demoram para virar amigo. Depois só querem te foder! É o povo mais traiçoeiro que tem.”

“E os curitibanos?”, provoquei.

Na janela da sala, sem camisa, derrubando cinzas no carpete branco, Jurandir respondeu: “Estou aqui há meio ano, mais ou menos. Nenhum vizinho falou comigo. Sequer me cumprimen-

taram! Em um bar, as pessoas que conversam não são daqui. O Russo aí é da Rússia. E você é de onde mesmo?”

“Paranaguá. Conhece?”

“Acho que não. O bom dos curitibanos é que pelo menos respeitam a privacidade. A vizinha da frente, passando roupa. Está me vendo. Mas fingue que não. Fiquei pelado outro dia e ela nada. Ninguém vem te pedir açúcar, se fazer de amigo pra depois te foder.”

“O que ele disse?”

“Cerveja, Russo?”

Jurandir continuou da cozinha: “E quando são seus amigos, eles são seus amigos. A minha ‘ex’, Sandra, é de Curitiba. Família dela toda. Hoje mora em São Paulo.”

Fui ao banheiro, no fim de um corredor atulhado de manequins, caixas cheias de calcinhas, sutiãs e pôsteres da Duloren. Voltei e Jurandir estava no sofá, calado, mastigando um ovo de codorna. De sua banqueta, também comendo um ovo, o russo olhava para ele.

“Saudade da lazarenta”, disse baixinho, abrindo a décima Kaiser.

“Está tarde. Vamos procurar um bar”, eu disse a ele.

Jurandir se levantou e abriu a porta. Abraçou Roman.

“O único nessa cidade que me entende.”

Em frente ao prédio, eu estava com dor de cabeça e disse a Roman que ia para casa. Depois dessa noite, nunca mais vi o russo. Nem Jurandir. ■

ENSAIO | ESTÉFANO LESSA

CLIQUE

EM CURITIBA





 **Estéfano Lessa** é repórter fotográfico, estudou Publicidade e Propaganda e Comunicação Institucional, trabalha com assessoria de imprensa e presta serviço para empresas, além de se dedicar a fotografia de teatro e dança. A série publicada aqui, segundo Lessa, busca a conexão com a natureza em meio a correria do dia a dia numa grande cidade, onde o fotógrafo procura o equilíbrio levando suas lentes ao encontro do dia nascendo e do sol poente.



RETRATO DE UM ARTISTA | G.W. SEBALD

Ilustração: Samuel Casal

Winfried Georg Maximilian Sebald, mais conhecido como W.G. Sebald, escreveu apenas quatro romances, o que foi suficiente para que sua obra ficasse marcada como uma das mais originais da literatura mundial no século XX. Sebald empreendeu uma escrita inclassificável, que mescla gêneros como o ensaio e o relato memorialístico, em uma narrativa que ainda traz imagens e documentos como elementos importantes das histórias. Nascido em Wertach im Allgäu, na Alemanha, em 1944, Sebald estudou literatura alemã e rodou a Europa como professor universitário. Foi só depois de completar 40 anos que começou a escrever os romances altamente peculiares que lhe renderam fama internacional. Com poucos diálogos e sem capítulos, seus livros são obras melancólicas pontuadas por imagens em preto e branco — velhas fotografias, recortes de jornal e cartões postais —, que acentuam no leitor a dúvida em relação à veracidade do que é narrado. Apesar de ter passado grande parte da vida na Inglaterra, Sebald escreveu seus livros em alemão e dizia não confiar na sua capacidade de traduzi-los. Três deles — *Vertigem* (1990), *Os emigrantes* (1992) e *Austerlitz* (2001) — tratam do passado da Europa. Já *Os anéis de Saturno* (1995) é uma meditação em fragmentos sobre a caminhada de um homem pelos cenários de East Anglia. Aclamado pela crítica, Sebald começava a conquistar um público mais amplo quando morreu em um acidente de automóvel em Norfolk, em 2001.

 **Samuel Casal** nasceu em 1974 e é ilustrador profissional desde 1990. Ilustrador freelancer, quadrinista e gravurista, colabora com publicações nacionais e internacionais. Vive em Florianópolis (SC).

